UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DÉBORA SARA FERREIRA

LER E ESCREVER ENTRE PESSOAS POUCO ESCOLARIZADAS NO CONTEXTO DO SUS:UMA ANÁLISE DE SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS

Rio Claro
2016

DÉBORA SARA FERREIRA

LER E ESCREVER ENTRE PESSOAS POUCO ESCOLARIZADAS NO CONTEXTO DO SUS: UMA ANÁLISE DE SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS

Orientador: Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Coorientador: Profa. Mestre. Eliane Aparecida Bacocina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de.Licenciada em Pedagogia..

Rio Claro
2016

374 Ferreira, Débora Sara
F383L Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS : uma análise de suas práticas cotidianas / Débora Sara Ferreira. - Rio Claro, 2016
72 f. : il., fots.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo
Coorientadora: Eliane Aparecida Bacocina

1. Educação de adultos. 2. Práticas de leitura e escrita. 3. Sistema Único de Saúde. 4. Vivências cotidianas. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Á todos que me ajudaram nesta caminhada dedico com grande alegria este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido pai Natael, amigo, companheiro e protetor! Que durante sua trajetória aqui na terra me mostrou a importância dos estudos e nunca mediu esforços para que eu pudesse estudar. Minha eterna gratidão!

Á minha querida mãe Rute, que na simplicidade da vida sempre me apoiou na decisão de estudar, sempre querida, meu amor e minha eterna gratidão!

Ao namorado Gustavo, pela amizade, dedicação, alegria, companheirismo e paciência que demonstrou, durante minha trajetória na Licenciatura.

Aos meus sogros Márcia e Ivan, pela singela amizade, pela dedicação e carinho demonstrado a mim, durante meus anos de graduação.

À minha amiga e orientadora Profª. Maria Rosa, que na delicadeza do olhar, nunca mediu esforços para que eu pudesse realizar o meu trabalho, obrigada pela dedicação e pelo carinho!

À D. Cleide, por ter se disponibilizado para participar deste trabalho. Agradeço a amizade e dedicação que vem demonstrando durante estes anos nos encontros semanais do PEJA.

À minha amiga e companheira de escritas, Eliane Bacocina. Obrigada pela troca de saberes, pela dedicação e pela ajuda constante. Minha gratidão!

Aos Professores do Departamento de Educação que contribuíram para a minha formação.

Ao PEJA Rio claro, pela acolhimento, aprendizados, reuniões e encontros.

Ao grupo de estudos ESCRIARTE, pelo acolhimento e aprendizados.

MINHA SINCERA GRATIDÃO!

Sois belas, mas vazias- continuou ele. – Não se pode morrer por vós. Um passante qualquer sem dúvida pensaria que a minha rosa se parece convosco. Ela sozinha é, porém, mais importante que todas vós, pois foi ela que eu reguei. Foi ela que pus sob a redoma. Foi ela que abriguei com o para-vento. Foi por ela que matei as larvas (exceto duas ou três, por causa das borboletas). Foi ela que eu escutei se queixar ou se gabar, ou mesmo calar-se algumas vezes, já que é a minha rosa. (Antoine de Saint-Exupéry)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como proposta investigar as práticas de ler e escrever de uma educanda do PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) que frequenta cotidianamente os serviços de saúde do SUS (Sistema Único de Saúde). A problematização se deu pela atuação da pesquisadora que, como colaboradora, tem contato direto com a população, numa condição específica em que, particularmente, a leitura, se faz necessária para seguir orientações de cuidados de si. Entre as questões que orientaram este projeto estão: a que soluções recorrem pessoas pouco escolarizadas, ou sem escolarização, para dar conta de necessidades como seguir orientações médicas de tratamento, quando estas são escritas? Como resolvem o problema de tomar medicamentos (horários, quantidades etc, quando não conseguem decifrar códigos de orientação? Um dos referenciais teóricos que embasam as discussões está em Paulo Freire, em sua obra "A importância do ato de ler". Como objetivos, buscou-se investigar e refletir acerca das práticas de leitura e escrita de pessoas pouco escolarizadas, focalizando vivências cotidianas da participante da pesquisa. O levantamento, delineamento e discussão acerca de questões relevantes será coletado através de uma entrevista e um caderno de relatos juntamente com a participante da pesquisa, possibilitando refletir acerca das práticas de leitura e escrita cotidianas.

Palavras chaves: Práticas de Leitura Escrita, SUS (Sistema único de Saúde), Vivências Cotidianas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 APRESENTAÇÃO DO DIÁRIO

FIGURA 2- POESIA: JANELA

FIGURA 3- ESCRITA DA MÚSICA

FIGURA 4- MONTE SUA HISTÓRIA

FIGURA 5- SERTANEJO

FIGURA 6- RELATO SOBRE A FAZENDA QUE MOROU

FIGURA 7- PALAVRA: COMPRIMIDO

FIGURA 8- PALAVRA: REMÉDIO

FIGURA 9- PALAVRA**:** APROXIMARAM

FIGURA 10- SOBRE LIMPAR A CASA

FIGURA 11- SOBRE COZINHAR

FIGURA 12- SOBRE A LEITURA DAS SENHAS

FIGURA 13- SOBRE AS ANOTAÇÕES COTIDIANAS

FIGURA 14- SOBRE OS MOMENTOS DA ESCRITA

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SUS- Sistema Único de Saúde

PEJA- Projeto de Educação de Jovens e Adultos

UNESP- Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

1 A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO E ATENDENTE DO SUS 14

1.1 A experiência com o público do SUS 16

1.2 Conhecendo o PEJA/RIO CLARO-SP 20

1.3 Jorge Larrosa e a questão da experiência 21

2 LER E ESCREVER: DO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO 24

3 A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DE UM CADERNO DE RELATO COTIDIANO..... 31

3.1 Paulo Freire e a Impotância do Ato de Ler 32

3.2 Aventuras de escrita num caderno – o caderno como fonte de pesquisa, registro e aprendizado 34

4- LEITURA E ESCRITA QUE PERMEIAM O COTIDIANO DA D. CLEIDE- PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NO CUIDADO Á SAÚDE..... 50

4.1- Conhecendo o cotidiano (de leituras) de D. Cleide 51

4. 2- Cotidiano: leituras que se fazem, experiências vividas 52

4.3- D. Cleide: a mulher que escreve 54

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 59

REFERÊNCIAS 62

APÊNDICEA - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....65

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo buscar compreender qual é a relevância da leitura e da escrita para pessoas pouco escolarizadas que utilizam os serviços de saúde públicos. O desenvolvimento da pesquisa se deu pelo levantamento e análise das práticas de ler e escrever apresentadas pela participante da pesquisa em foco.

Mas por que pensar este público?

Ao conviver cotidianamente com este público, pude perceber algumas tensões em relação à leitura e escrita que interferiam em algumas atividades do cotidiano de atendimento aos próprios participantes do SUS (Sistema Único de Saúde). Da observação dessas tensões foi-se delineando o objeto de estudo que apresento neste trabalho.

Concomitante à minha atuação como atendente num posto de atendimento do SUS, atuei como bolsista no PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos: Práticas e Desafios) da UNESP Rio Claro. Neste projeto tive a oportunidade de trazer (possibilitar) a uma parte, deste mesmo público, a oportunidade de voltar aos seus estudos.

O PEJA é um projeto de extensão universitária que tem por objetivos desenvolver atividades de ensino para pessoas com escolaridade incompleta; promover a formação de educadores entre alunos da graduação; e gerar conhecimentos no campo da educação de jovens e adultos, estreitando laços entre ensino, pesquisa e extensão, pilares fundamentais na universidade pública.

No PEJA me encontro com os/as educandos/as toda semana em uma turma que é atendida em uma ONG, situada na cidade de Rio Claro, no bairro Bonsucesso, e também acompanho as turmas que funcionam na própria universidade que nomeamos como Turma da Comunidade e Turma da Informática.

Ao me deparar com dois "mundos diferentes", o SUS e o PEJA, o objeto de estudo foi tomando corpo e foi possível compor o Trabalho de Conclusão de Curso que tem como pilares metodológicos a realização de uma entrevista e a realização de um caderno que será utilizado pela participante da pesquisa. Através desses pilares metodológicos, busquei trazer **a** informação de como a participante da pesquisa se relaciona com as práticas de ler e escrever e de como soluciona cotidianamente atividades-desafios como ler ou entender as receitas médicas que lhe é prescrita; se recorre a algum tipo de anotação ou alguma outra forma de registro que possibilite o lembrete para que não venha a esquecer de seus compromissos, ou seja, do cuidar da própria saúde.

Este projeto está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado: *Escrita, Linguagem e experiência: reflexões acerca da produção escrita por pessoas pouco escolarizadas como espaço de interlocução e formação com professores* (Processo CNPq no. 406934/2013), aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Decisão CEP no. 066/2013. O projeto está referenciado pelo Protocolo no. 2922, com data de registro CEP 25/04/2013.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE foi apresentado ao Comitê de Ética local, assim como uma cópia do questionário e o roteiro da entrevista. Após, o TCLE foi apresentado a todos os participantes da pesquisa.

Um dos referenciais teóricos discutidos neste trabalho foi Paulo Freire (1989), particularmente na obra *A importância do ato de ler,* na qual se apresenta a questão da leitura de mundo que precede a leitura da palavra, ou seja, ele nos traz a questão da leitura do contexto vir antes da leitura da palavra, num jogo de realidade e linguagem que estão entrelaçadas de forma dinâmica. Em seguida, ele traz a questão da compreensão do texto que de forma crítica se dará através de percepções entre o texto e o contexto. Acredito que, como Paulo Freire pontua a questão das relações intrínsecas entre o texto e o contexto, a partir deste texto, levanta-se reflexões acerca da problemática da leitura e da escrita, relacionando-a ao contexto das vivências cotidianas no qual a participante está inserida, em uma condição que requer atenção especial: esse contexto é sua passagem pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

Ao atuar no SUS, como colaboradora é possível, para mim, acompanhar algumas dificuldades das pessoas que por ali transitam. Ao se fazer necessário utilizar da leitura e escrita percebo que são esquecidos agendamentos de consultas ou exames importantes porque, em diversos momentos, não compreendem bem a informação escrita que lhes é passada; em alguns serviços em que se utilizam de "senhas" para os atendimentos percebo a dificuldade das pessoas em relação à leitura de números ou códigos. Na questão da interpretação das informações, muitas pessoas têm dificuldades em entender o que lhes é falado, como as instruções para realização de algum exame importante, ou a espera em algum outro lugar do serviço para o atendimento de saúde prévio, ou a marcação de suas consultas ou exames, ou até mesmo as datas de seus agendamentos.

Outro aspecto crucial é a questão do vocabulário posto em perguntas como: Qual é seu estado civil? Qual é seu grau de escolaridade? Essas perguntas contêm termos que necessitam cotidianamente serem substituídos por: A Senhora é casada? Ou, até que série da escola o/a senhor/a estudou?

Da minha atuação, como bolsista do PEJA, tive contato com algumas atividades e reflexões que me levaram a perceber a importância de se considerar as próprias vivências das pessoas no processo de aprendizagem e, mais além, buscar perceber como solucionam, que encaminhamentos dão aos embates do dia a dia, como por exemplo, "decifrar" uma receita médica; neste caso, que envolve cuidados muito especiais consigo mesmo (ou com pessoas que as acompanhem), o que nomeamos como vivências, adquirem outras dimensões.

Acredito que rastrear e transitar pelas práticas de ler e escrever, no contexto exposto, pode suscitar contribuições para buscar o entendimento dessas práticas, pois vem à tona uma função dessas práticas, que transcende uma análise do processo de aprender ou ensinar.

Em face da construção da problemática que apresentamos, alguns autores têm contribuído para o delineamento teórico-metodológico desta pesquisa. Entre eles, autores que põem em pauta a questão da memória como Ecléa Bosi (1994) na obra *Memória de Velhos*. A autora entrevista pessoas com idade mais avançada, entendendo as entrevistas mais como conversas, como ela mesma afirma, em que há um roteiro prévio mas, é no desenrolar das falas, que elementos diversos vêm dar suporte ao papel constitutivo da memória, na relação com o mundo. No âmbito desta pesquisa, na relação com o mundo da linguagem escrita. Ressalto que a memória é aporte fundamental para o levantamento dos registros feitos oralmente, posteriormente transcritos, o que permitiu (e permitirá) a socialização dos saberes e a retomada de palavras e expressões que tiveram maior aprofundamento, após as entrevistas.

Outro eixo teórico-metodológico que tenho em pauta está nos estudos de Michel de Certeau (1994) na obra *A invenção do Cotidiano. Artes do fazer*. Com esse autor vislumbro uma aproximação com a potencialidade das táticas – que são modos de conduzir algo inesperado ou algo a que tem que se dar uma "resposta" imediata – a que recorrem os usuários (termo utilizado pelo próprio autor).

Cabe ressaltar que leituras de Paulo Freire de obras como *A importância do ato de ler* (1989) e *Comunicação ou Extensão?* (1983) têm trazido elementos para um aporte de reflexão que enlaça ser observadora de um cotidiano de dificuldades e limitações no contato com o público do SUS e ser educadora bolsista atuando no PEJA, percebendo a potencialidade quando as vivências são postas na pauta do fazer pedagógico.

É com Paulo Freire que também discutirei a questão da escolarização nesta pesquisa, ao pormos em foco a educação de jovens e adultos – EJA, como sendo, essa modalidade de ensino, um possível momento emancipatório para os educandos e educandas

em relação à alfabetização; e trazer referenciais que possam nos embasar teoricamente e assim trazer uma discussão acerca dos dados obtidos, e trazer a importância da educação, da EJA para os diversos saberes presentes nos cotidianos dos cidadãos.

Logo, a problemática da presente pesquisa se fez a partir dessas observações e com a experiência de ser educadora em um projeto de extensão universitária.

Dentre as questões relevantes para delineamento da problemática desta pesquisa estão: por quais motivos a participante da pesquisa não frequentou o ensino regular; qual é a necessidade da participante ter contato com o mundo da leitura e escrita para utilizar-se do mesmo em seu próprio cotidiano; refletindo sobre como os cidadãos encontram dificuldades, estando em um mundo letrado, que "soluções" se produz, ou a que "táticas" são recorridas quando a mesma necessita utilizar-se da leitura e escrita em situações não escolares; e que soluções produzem, ou a que táticas recorrem quando necessita utilizar-se da leitura e escrita em situações como a de "decifrar" códigos numa receita médica ou instruções num ambiente como o SUS.

Parto do ponto de vista que, ao se fazer necessário utilizar os serviços de saúde e estar em algum tratamento médico a pessoa necessita ter algum tipo de "leitura", ou de marcadores que a oriente.

Chega-se, assim, ao ponto principal da problematização: que formas de encaminhamentos dão os muitos cidadãos pouco escolarizados que, por algum motivo não frequentaram a escola no período adequado, quando enfrentam dificuldades diversas como as que podem ser elencadas no quesito "cuidar da própria saúde"?

Refletir acerca das práticas de ler e escrever que me proponho a investigar, nesta pesquisa, aquelas ligadas diretamente com necessidades postas no cotidiano dos cidadãos pouco escolarizados, podem contribuir para uma reflexão acerca das práticas de ler e escrever que perpassam e se localizam em espaços escolares.

Como já referenciado, a problematização perpassa os espaços escolares e não escolares; a investigação se pauta nas questões cotidianas vivenciadas pela participante que ao longo de sua vida, presenciou momentos cuja principal fonte de informação seria a leitura e escrita.

As perguntas propostas se pautam na vida que a nossa participante leva em uma sociedade letrada e, na condição de pouco escolarizada, que tipos de "ferramentas" utiliza para sobreviver culturalmente na mesma.

Espero contribuir, com esta pesquisa, para que múltiplos olhares sejam lançados à educação de jovens e adultos, onde o contato com o participante da pesquisa e o

olhar para com o mesmo sejam elementos fundamentais que possibilitem pensar múltiplas maneiras de levar a leitura e escrita para as pessoas pouco escolarizadas em um contexto geral.

Para Bogdan e Biklen (1982), o "significado é de importância vital na abordagem qualitativa". Os autores afirmam que os pesquisadores que optam por esta abordagem tendem a se interessar pelo modo ao quais as pessoas atribuem os diferentes significados às suas vidas, ou seja, nesta abordagem, o "apreender" as perspectivas dos participantes e questionar os participantes da investigação são questões pontuais que o autor levanta como instrumento de investigação.

Vale ressaltar que a investigação qualitativa é um modo descritivo pelo qual os dados obtidos podem incluir entrevistas, notas de campo, fotografias, etc. Os autores mencionam a importância de recolher os dados descritivos para que nenhum detalhe passe despercebido da pesquisa.

Algumas perguntas foram elencadas no trabalho de pesquisa como:

O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever?

O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando tem que tomar remédio?

O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando tem que realizar um exame? O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando tem que fazer um exame específico?

Através de uma abordagem qualitativa em educação, elencou-se perguntas que fizeram parte da entrevista com a participante em relação a questão de ler e escrever no contexto do SUS com foco no ponto de vista da pessoa que é atendida (usuário, paciente, participante da pesquisa).

Através dessa problemática, entrevista, transcrição da entrevista, discussão e análise dos dados coletados, pretende-se traçar aspectos importantes da educação, como refletir acerca das práticas culturais, destacando-se as de ler e escrever.

A junção desses dois contextos sociais (SUS e PEJA) possibilitou a análise das inúmeras dificuldades que enfrenta um cidadão pouco escolarizado frente a um mundo letrado reconhecendo que, ao participarem de um projeto de extensão universitária, este traz a oportunidade de voltar ao aprendizado de ler e escrever. Pontuaremos aqui, então, a questão da superação, onde frente ás inúmeras dificuldades enfrentadas durante a vida, a participante voltou aos estudos para realizar um sonho: aprender a ler e escrever.

1 A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO E ATENDENTE DO SUS

Este capítulo constitui o relato sobre as vivências de uma graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia que, no contato cotidiano com o público do SUS como atendente e concomitante como educadora no PEJA (Projeto de Extensão Universitária de Educação de Jovens e Adultos: Práticas e Desafios) da UNESP de Rio Claro-SP, instituiu indagações à margem de tensões que vivenciam pessoas pouco escolarizadas em nossa sociedade, ao se deparar com momentos cotidianos que requer das mesmas saber "ler e escrever".

Postas em discussão, estas questões tornaram-se perceptíveis e justificáveis para um projeto de pesquisa, que despertou este trabalho.

> [...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, á medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados pois tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1987, p.143)

Durante minha graduação em Pedagogia, o processo de educadora em formação fez com que meu olhar, minhas percepções sobre escola, educação, sujeitos e sociedade fosse (re)constituído. E a tarefa de vivenciar a extensão na Universidade e trabalhar com o público de SUS, me fez refletir sobre as tensões entre ler e escrever em diversos locais da sociedade.

Em minha concepção, a pesquisa deve ser aquilo que nos move, nos instiga e nos faz crer que algo pode ser mudado, ou transformado, e que novos olhares sejam lançados à margem da transformação que objetivamos, que almejamos!

Na obra de Paulo Freire (1982), que relata a importância do ato de ler, é possível compreender as experiências que constituíram a leitura de mundo, do seu mundo da infância. Da velha casa que quando menino morava, do quintal que era seu cantinho de leitura e de escrita, da família que contava sobre histórias passadas, pode ler o seu mundo, ler o

entorno, aquilo que lhe movia a (re)criar momentos, olhares, leituras, histórias, medos, músicas, animais, tudo aquilo que lhe proporcionava alegria, que lhe proporcionava material e modos de leitura.

> A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das alvencas de minha mãe- , o quintal amplo em que se achava, tudo isso doi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto – em cuja percepção rio experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 1982, p 9)

Ao se deparar com este mundo, ao qual o autor estava fortemente vinculado, a velha casa, fez com que sua posterior leitura de palavras tornasse de fato significativa. Temos que texto e contexto se prendem de forma dinâmica, daí a posterior leitura da palavra. Primeiramente, emerge o olhar para o mundo ao qual está inserido, ler este mundo, aquilo que lhe move e impulsiona e, posteriormente, entender a decifração das palavras.

> A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto ao ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1982, p 09).

Nunca um texto, palavras, fragmentos ou formas de "ver o mundo" teriam se tornado tão significativas a mim. Neste processo de educadora, percebi questões que, até então, não faziam nenhum sentido a mim.

Da Pedagogia, ao PEJA e ao SUS. Ao me deparar com essas "duas realidades", e ao perceber tensões entre a leitura e escrita, fui delineando minha pesquisa de TCC que me instigou/impulsionou a escrever este trabalho.

Compartilharei estes momentos que se tornaram relatos e que constituíram toda minha experiência durante estes anos na Universidade.

Convido o leitor mergulhar nos relatos destas minhas experiências!

1.1- A experiência com o público do SUS

> "A experiência é o que nos passa, nos toca, nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma" (LARROSA, 2002, p. 26)

Naquele lugar, descobri um mundo à minha volta, um mundo diferente de tudo o que já tinha vivido, agora a escola já não era somente o único lugar social ao qual eu frequentara cotidianamente, por anos a fio, em minha vida.

Logo estava eu no meu primeiro dia de trabalho, como Guarda Mirim na cidade de Itararé-SP, localizada no interior do Estado, cidade em que nasci e vivi toda minha infância, quando fui encaminhada pela direção da Guarda Mirim, uma instituição sem fins lucrativos que, através de financiamentos encaminha os jovens para o primeiro emprego; ali, recebi a proposta de trabalhar como atendente em um posto de saúde.[1]

Ao passar dos dias, as atividades de atender o público socioeconomicamente carente, ao entrar contato com outros saberes, pude perceber como é crucial não somente atender ao público e sim como podemos ensinar questões que a nós parece "insignificantes", e que podem fazer diferença no cotidiano da população.

Minha principal função era a entrega de leite, do programa Viva-leite do Estado de São Paulo, a todas as mães e famílias que tinham crianças pequenas, necessitavam deste auxílio e procuravam o posto de saúde que através de questionários socioeconômicos, iria avaliar se a família poderia participar do programa.[2]

Todas as segundas, quartas e sextas-feiras desenvolvia esta atividade. Nesta atividade cotidiana percebia que algumas pessoas tinham dificuldade em relação à leitura, escrita e compreensão, às vezes confundiam datas para ir à unidade de saúde.

Em relação ao atendimento não era diferente, muitas pessoas faltavam às consultas necessárias. As mães deviam levar as crianças do programa Viva Leite para pesagem por parte da enfermagem, e consultas com um médico pediatra, muitas vezes isso

---

[1]O Instituto Educacional Guarda Mirim de Itararé-SP, é uma empresa sem fins lucrativos que através de parcerias com empresas público privadas encaminha os jovens e adolescentes para o primeiro emprego. Com objetivo educacional os jovens e adolescentes tem aulas de educação moral e cívica, português, matemática, inglês e informática.

[2]O **Projeto Vivaleite** é o maior programa estadual de distribuição gratuita de leite pasteurizado do Brasil. Criado pelo Governo do Estado de São Paulo em 1995, distribui anualmente 90 milhões de litros de leite para crianças e idosos em situação de insegurança alimentar e vulnerabilidade social.

não acontecia, pois as mesmas não tinham entendimento da escrita, o que ocasionava a falta de seus filhos a consultas consideradas de extrema importância.

Ainda no ensino médio podia perceber as dificuldades que a comunidade carente, vítimas de uma exclusão social enfrentavam para ler e escrever, em atividades que exigem do indivíduo a leitura e escrita.

Já no ano de 2012, residindo em Rio Claro-SP, cursando a Licenciatura Plena em Pedagogia na UNESP de Rio Claro-SP, trabalhei como Agente de Saúde em um Posto de Saúde da Família da Fundação Municipal de Saúde de Rio Claro, no qual a principal função era o contato direto com os moradores em suas respectivas residências, da micro-área à qual era responsável.

Certamente, este trabalho com a população me fez ter outros olhares para as pessoas pouco escolarizadas e para a educação. A Unidade de Saúde da Família é um programa do Governo Federal com as Secretarias Municipais de Saúde dos Estados e dos municípios, onde o principal objetivo é possibilitar um maior contato entre a equipe de saúde e a comunidade, trazendo para a unidade de saúde as realidades e dificuldades vividas pela população.

Na rotina, como agente comunitária, a principal atribuição era a visita cotidiana nas residências, onde tensões entre ler e escrever para cuidar da própria saúde se tornava perceptível.

Ao assumir meu trabalho como agente de saúde, fiquei responsável em realizar as visitas na micro área de número oito. Era uma área periférica e distante da unidade de saúde, logo necessitava caminhar longos períodos para chegar às residências.

A realidade da área, sob minha responsabilidade, era complexa, habitavam nela muitos pacientes idosos, acamados e com dificuldade de se locomover e também muitos eram pouco escolarizados, então o trabalho era minucioso, tinha de dar atenção redobrada às pessoas que tinham pouca leitura, pois era comum fazerem uso errado de medicamentos que eram considerados controlados ou de uso contínuo.

Para as senhoras idosas acamadas impossibilitadas de se locomoverem até o posto de saúde e que necessitavam tomar uma série de remédios todos os dias, e em todos os períodos, elaborava alguns envelopes com as respectivas medicações que eram prescritas pelo médico de saúde da família.

Para o período da manhã elaborava envelopes com a imagem do sol (símbolo/código ao qual optei para a identificação do período da manhã) para que as/os pacientes identificassem que necessitavam tomar os comprimidos que estavam dentro do

envelope no período da manhã, esta atividade se tornou de rotina tanto ara mim, como para as/os pacientes de minha área.

Para o uso de medicamentos no período da tarde, na hora do almoço ou no período noturno, elaborava um envelope com o símbolo de pratos e talheres, estrelas e luas, ao qual elas reconheciam que era para utilizar a medicação antes ou após o almoço, ou no horário do jantar; assim os/as pacientes identificavam os medicamentos e faziam o uso correto das medicações, que na maior parte dos casos eram de tratamentos contínuos (hipertensão, diabetes etc).

Não era fácil ter todo esse cuidado, tínhamos que pensar diferentes estratégias para ajudar a população em seus respectivos tratamentos de saúde; ressalto a importância do trabalho de meus antigos colegas que tinham esta mesma atenção com a população nos trabalhos cotidianos.

Os dias se passavam e mais percebia que as dificuldades do cidadão para cuidar de sua saúde estavam ligadas ao fato da escolaridade de cada um, onde estabelecia esta reflexão por meio de tensões cotidianas. Vítimas de um sistema excludente que eram, para mim, quanto mais tinha contato com a população, mais conseguia perceber estas tensões.

A força de vontade dos cidadãos/pacientes em cuidar da própria saúde, mesmo com pouca escolarização, ao questionar e perguntar sobre questões relacionadas com o cuidado á saúde, me fazia perceber que nosso trabalho era o de "educador", já ouvia termos neste contexto como "educador em saúde".

Nas minhas visitas diárias, procurava explicar para as pacientes questões referentes aos cuidados com a saúde, explicava o porquê daqueles símbolos/códigos inseridos nos envelopes e como fazer uso dos medicamentos, respeitando os símbolos de cada período do dia.

Cada vivência e cada cuidado em visitar a população me possibilitaram, enquanto educadora em formação, refletir posteriormente que existem outros saberes, e também outras formas de aprendizado que não necessariamente precisam estar nos espaços escolares, exemplo disso são os pacientes de minha área que, por um motivo em comum "cuidar da própria saúde", aprendiam novas questões, até mesmo a identificação dos símbolos inseridos nos envelopes.

Através dessas tensões de como cuidar da saúde com pouca escolarização, me possibilitou enquanto educadora em formação/ agente comunitária de saúde, refletir a conexão destes mundos: Universidade e Comunidade, o qual vivia cotidianamente, e refletir acerca dos saberes populares.

No ano de 2013, fui contratada para trabalhar em um Ambulatório Médico de Especialidades, onde minha atribuição era de recepcionar os pacientes, realizando cadastros, dando informações e etc.

Neste atendimento de saúde, os usuários/pacientes são atendidos por diferentes profissionais na área médica que em diferentes especialidades atendem os pacientes em seus diferentes problemas de saúde.

Como recepcionista, desenvolvia algumas atividades, como solicitar documentos, realizar os cadastros eletrônicos, orientações diversas, logo toda esta atenção primária éramos nós que desenvolvíamos.

Percebia, ao longo dos dias, que múltiplas dificuldades iam se elencando quando os pacientes adentravam no ambulatório para atendimento.

Questões como: perder um exame muito importante em seu tratamento por falta da leitura: de datas, de procedimentos necessários que antecedem os exames, de horários para realização dos exames, estas tensões que percebia ao longo dos dias estavam sempre relacionados com a pouca escolarização e me faziam refletir a relevância da leitura e escrita para a população.

Vivemos numa sociedade demarcada pelos atos capitalistas mais extremos que possamos imaginar. Esta sociedade capitalista famigerada que provoca um sistema de desigualdades, uma sociedade de opressores e oprimidos. Paulo Freire (1987) traz questões das relações desta sociedade as relações se demarcam pelo poder, para que nossa sociedade possa estar num certo "equilibrio" é necessário quem mande e quem obedeça. Mas esta é outra discussão que não cabe neste momento analisar. O que nos cabe aqui analisar é partindo do relato que trago aqui, meus poucos anos na universidade, a observação crítica de questões entre ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas que sobrevivem nesta sociedade injusta, letrada e capitalista se fizeram como questões preponderantes que permeiam esta discussão.

> Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p 17)

Pessoas pouco escolarizadas que são vítimas de um sistema excludente podem ser as que mais entendem o significado desta sociedade opressora, injusta. E sim elas entendem, quando vão ao supermercado e necessitam perguntar para as outras pessoas o preço de determinado produto; quando no ponto de ônibus sentem dificuldade em embarcar no ônibus correto e quando necessitam de cuidados básicos com a saúde e não o fazem, pois não conseguem ler os rótulos dos medicamentos, quando perdem exames importantes por simplesmente não terem compreendido a palavra escrita ou por não ter entendido a linguagem utilizada nos serviços de saúde; quando necessitam ajudar seus filhos com a lição de casa, porém não o fazem, devido não ter compreensão das letras e muitos outros exemplos que poderia listar aqui, mas acredito que todos nós sabemos quais as dificuldades que estas pessoas enfrentam nesta sociedade de rótulos e preconceitos.

Preconceitos que vejo em meu cotidiano, onde termos utilizados pelos cidadãos pouco escolarizados que estão "fora dos padrões da língua portuguesa" são tidos como motivos de deboches para a sociedade. É com o PEJA que pude refletir todas estas questões, como educadora em formação, este o qual irei apresentar-lhes no próximo sub capítulo.

1.2 - Conhecendo o PEJA/RIO CLARO-SP

Em 2013 entrei no PEJA da UNESP, campus de Rio Claro-SP, projeto de extensão universitária, que me possibilitou enquanto educadora em formação, refletir minha atuação como educadora de jovens e adultos e refletir as tensões vivenciadas por pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS.

O PEJA é um projeto de extensão universitária que tem por objetivos desenvolver atividades de ensino para pessoas com escolaridade incompleta; promover a formação de educadores entre alunos da graduação; e gerar conhecimentos no campo da educação de jovens e adultos, estreitando laços entre ensino, pesquisa e extensão, pilares fundamentais na universidade pública.

No PEJA me encontro com os/as educandos/as toda semana em uma turma que atende em uma ONG situada na cidade de Rio Claro, no bairro Bonsucesso, e também acompanho as turmas que funcionam na própria universidade que nomeamos como Turma da Comunidade e Turma da Informática.

A partir do delineamento destas realidades, refleti sobre a problemática desta pesquisa, a qual apresento ao longo dos capítulos, em que serão re-vivenciadas estas mesmas questões, porém, sob o olhar das próprias pessoas/educandos/pacientes que vivem estas tensões.

Quais as táticas pessoas pouco escolarizadas selecionam para viver cotidianamente em um mundo letrado?

Com aporte teórico na obra de Michel de Certeau (1994), vislumbro uma aproximação com a potencialidade das táticas – que são modos de conduzir algo inesperado ou algo a que tem que se dar uma "resposta" imediata – a que recorrem os usuários (termo utilizado pelo próprio autor). Sob esta abordagem podemos refletir: Quais as táticas a que os (usuários, pacientes, educandos) recorrem para cuidar da própria saúde quando os cuidados são recomendações, e que vêm escritas?

> Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (assim, no supermercado, a dona-de-casa, em face de dados heterogêneos e móveis, como as provisões no freezer, os gostos, apetites e disposições de ânimo de seus familiares, os produtos mais baratos e suas possíveis combinações com o que ela já tem em casa etc), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a "ocasião". (CERTEAU, 1994, p. 47).

Refletindo em relação aos envelopes mencionados acima, os mesmos poderiam ser uma tática ao qual os/as pacientes poderiam recorrer para conduzir esta tensão. Táticas que, em meio a respostas imediatas, são como um "dispositivo" que proporciona, no contexto, o cuidado com a própria saúde.

1.3- Jorge Larrosa e a questão da experiência

A experiência que o autor Jorge Larrosa define como "o que nos forma e nos transforma", pode ser pensada como algo que acontece ao longo da vida, a partir de acontecimentos aos quais uma pessoa está exposta, que podem ser marcadas por vivências ou lembranças destas vivências. Ainda nas palavras de Larrosa (2002, p. 27) "O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos".

A partir deste trecho, entende-se que a experiência é todo o conhecimento em que se dá na vida humana. Experiência é uma mediação entre o conhecimento e a vida humana, ou seja, ela é o elemento que possibilita o contato entre vida humana e conhecimento. A partir deste pressuposto entendemos que, nós, sujeitos singulares, por meio da experiência, travamos uma viagem, entre a vida e o conhecimento.

> A paixão funda sobretudo uma liberdade dependente, determinada, vinculada, obrigada, inclusa, fundada não nela mesma mas numa aceitação primeira de algo que está fora de mim, de algo que não sou eu e que por isso, justamente, é capaz de me apaixonar. (LARROSA, 2002, p. 26).

O relacionar-se com o outro, com o mundo, nos possibilita, enquanto sujeitos passíveis de mudança e de transformação uma forma de paixão. Paixão esta que o autor sugere como liberdade dependente, determinada, vinculada, algo que está fora de nós e justamente por estar fora, faz com que venhamos a nos apaixonar.

Mas afinal, o que significa paixão?

No dicionário pude encontrar as seguintes definições: sentimento tão forte quanto o amor, mas efêmero, provocador, impulsivo, desesperado, inquieto. (DICIONÁRIO INFORMAL, 2010)

Se paixão é um sentimento impulsivo, desesperado e inquieto, então a paixão está sempre em movimento. Quando no cotidiano estamos inquietos com algo, este "algo" possibilita que possamos estar em constante movimento. Então podemos refletir que o sentimento de paixão gera um movimento constante.

> E "paixão" pode referir-se por fim, a uma experiência do amor, o amor-paixão ocidental, cortesão, cavalheiresco, cristão, pensado como posse e feito de um desejo que permanece desejo e que quer permanecer desejo, pura tensão insatisfeita, pura orientação para um objeto sempre inatingível. Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele. (LARROSA, 2002, p. 26).

Se paixão é algo inatingível, e nós não a experimentamos, porém somos possuídos por ela, logo paixão nos instiga a possuir sempre mais. Como educadores, e educadora que sou, nós estamos nesse constante processo de paixão, de apaixonar-se. No processo de apaixonar-se muitas possibilidades são abertas para nós, na educação estas novas possibilidades permitem também novos olhares, experiências outras e novos saberes.

Esse constante relacionamento com o outro me permite, como educadora, explorar possibilidades neste "objeto" com o qual estou em constante contato. Ao encontrar formas, formas outras, (re)direcionar meus olhares, olhares outros, pude entender que esta paixão constante, significativa, singular que me faz estar em constante movimento e é o que me move.

Nós educadores quando estamos tocados por algo, este nos move, nos orienta e nos abre a novas perspectivas.

Posso dizer, então, que o ato de educar é uma paixão. Que nos orienta, nos inquieta, nos instiga, nos move. E nós educadores como podemos olhar este processo?

Se estamos apaixonados e apaixonados não digo aqui um raso conceito de paixão, mas digo aqui, aquela paixão profunda, aquele desejo inestimável, aquela forma de que algo nos possui e que não o possuímos, posso dizer que nós, educadores, se olharmos a partir desta perspectiva que coloco aqui e que Larrosa traz como conceito de paixão, logo a experiência cotidiana, singular, é também uma paixão.

Se nós educadores estamos apaixonados e esta paixão nos movimenta constantemente estamos mergulhando, em novas experiências e como educadores, não estamos ignorando questões que podem fazer o nosso trabalho ser autônomo, critico, reflexivo, político e humanitário?

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça, ou nos toque, requer um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

A experiência para cada um é singular e desde o início desse relato compartilhei momentos singulares, reflexões singulares, a singularidade do meu trabalho, que foi sendo moldado, a partir do que me tocou, do que me fez dar uma pausa para olhar, que me fez olhar mais devagar e fez atrelar-me aos detalhes minuciosos que com delicadeza pude ir compondo. Como um compositor, a pesquisa tem de ser “composta” e para que isso ocorra é necessário uma pausa, um olhar com delicadeza para os minuciosos detalhes, e para a linda paisagem que nos rodeia.

2 LER E ESCREVER: DO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este capítulo de trabalho constitui o diálogo que fui estabelecendo com autores como: Chartier, Certeau, Ecléa Bossi, Barros, Bogdan e Bliklen e outros que puderam embasar teoricamente este estudo e, a partir do embasamento que fui construindo a partir da leitura de seus escritos, outros diálogos ocorreram conferindo potencialidade às discussões acerca das inquietações que delinearam este estudo, que se configura como o Trabalho de Conclusão de Curso que se apresenta.

Ao selecionar a temática que iria nortear este trabalho, se fez necessário recorrer a fontes teórico- metodológicas que embasariam as discussões acerca das práticas de leitura e escrita de pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS.[3]

Primeiramente, realizei um levantamento bibliográfico, de modo a fazer uma aproximação do que tem sido produzido sobre a temática, de modo a potencializar as discussões.

Em seguida, optei por abordar a investigação qualitativa em educação, que se faz potente por meio das entrevistas e o diário (instrumento de relato da participante da pesquisa). A entrevista que foi realizada com a participante da pesquisa apresenta-se como instrumento importante que será apresentada no capítulo 4 deste trabalho.

Para Bogdan e Biklen:

> A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora de nosso objeto de estudo. (Bogdan; Biklen, 1994, p. 49)

Segundo os autores Bogdan e Biklen (1994, p. 49) “Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa”.

---

[3]O **Sistema Único de Saúde (SUS)** é a denominação do sistema público de saúde no Brasilinspirado no National Health Service. Considerado um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, segundo informações do Conselho Nacional de Saúde, é descrito peloMinistério da Saúde na cartilha Entendendo o SUS como "um sistema ímpar no mundo, que garante acesso integral, universal e igualitário à população brasileira, do simples atendimento ambulatorial aos transplantes de órgãos".Foi instituído pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 196, como forma de efetivar o mandamento constitucional do direito à saúde como um “direito de todos” e “dever do Estado” e está regulado pela Lei nº. 8.080/1990, a qual operacionaliza o atendimento público da saúde.

Nosso entorno, o mundo em que vivemos, nosso cotidiano podem nos trazer algumas "pistas" onde podemos construir esclarecimentos sobre aquilo que buscamos uma resposta.

Na abordagem qualitativa, dados descritivos são ricos em informações, e para que isso ocorra, se faz necessário um olhar minucioso para os detalhes. Detalhes estes, que são constituídos no cotidiano, na escola, no trabalho e em qualquer outro lugar que nos instigue e nos motive a "olhar minuciosamente".

> Necessariamente, as boas entrevistas revelam paciência. Se não souber porque é que os sujeitos respondem de uma determinada maneira, terá de esperar para encontrar a explicação total. Os entrevistadores têm de ser detectives, reunindo partes de conversas, histórias pessoais e experiências, numa tentativa de compreender a perspectiva pessoal do sujeito. (Bogdan; Biklen, 1994, p. 139)

O trabalho de pesquisa que tem a abordagem qualitativa em educação por meio das entrevistas, tem o trabalho de "investigação". Quando se tem o ofício de um detective, por exemplo, se faz necessário que o sujeito utilize de muitas ferramentas e artimanhas para que algo possa ser desvendado, numa tarefa minuciosa e ao mesmo tempo meticulosa. Na investigação qualitativa não é diferente, nesta tarefa de olhar o mundo, o entorno, os participantes, as pistas, num exercício minucioso, estamos realizando a tarefa de um detective. Observando "pistas", estas que podem nos levar a respostas ou não, acerca da problematização que formulamos, estamos numa tarefa constante de investigação.

Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa é de natureza particular. Com uma realidade que não pode ser quantificada, o universo dos significados é posto em reflexão, onde valores, crenças, atitudes, são trazidos para discussão com as particularidades que possuem.

> Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianeidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis (MINAYO, 2001, p. 24)

As múltiplas relações que estabelecemos na cotidianidade se fazem, sob uma perspectiva qualitativa de pesquisa, como pistas, que na subjetividade das práticas sociais, podem formar um objeto de estudo. Para Cervo, Bervian e Silva (2007, p.53): "A entrevista

não é uma simples conversa. É uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa".

A entrevista necessita de um prévio roteiro para que o trabalho seja direcionado para um único objetivo: recolher dados para a pesquisa.

Nesta etapa do trabalho, é importante que o entrevistador utilize ferramentas para recolher os dados gravando áudios ou gravando vídeos. Faz-se primordial que o entrevistado esteja de acordo, para que as entrevistas sejam bem aproveitadas e que o mesmo esteja de acordo com o recurso que irá ser utilizado, de forma que não vá constrangê-lo.

Ecléia Bossi (1994), na obra *Memória dos Velhos*, traz um trabalho voltado para a pesquisa com pessoas de idade avançada e ao teorizar sobre "As duas memórias" nos traz a definição da significação que as mesmas podem trazer no cotidiano.

Para Ecléia Bossi (1994, p. 49) "A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural. Primeiro a memória-hábito, que se adquire cotidianamente, nem exercício contínuo de repetição de gestos e palavras, um exercício necessário para a vida cotidiana.

Em um exercício contínuo, a lembrança pura, possibilita que o sujeito de forma não mecânica, mas evocativa, recorra a sua memória para trazer fatos importantes, singulares e individuais.

De acordo com Ecléia Bossi (1994, p. 49) " No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência" O indivíduo, num exercício contínuo de relembrar fatos importantes, recorre a sua lembrança pura (termo utilizado pela autora).

> Sonho e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bergson não hesitará em dar o nome de "inconsciente". A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou ás práticas do dia-a-dia. (BOSSI, 1994, p. 49)

A lembrança pura, pode-se entender aqui, que constitui a memória que adquirimos de forma não mecânica como fatos repetidos no dia-a-dia e sim questões significativas que ficam guardadas e que são de fato singulares.

> Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A

> memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSSI, 1994, p.55)

Através da memória, pode-se fazer uma reconstrução do passado e pontuar fatos importantes e singulares que compõe toda a beleza da existência humana, através da narração com sujeitos singulares que narram a própria vida.

Em relação á leitura e escrita, podemos analisá-las através de uma perspectiva da história cultural. De acordo com Barros (2005):

> Com relação a este último aspecto, já vimos que a leitura de um livro também gera práticas criadoras, podendo produzir concomitantemente práticas sociais. Será o livro lido em leitura silenciosa, em recinto privado, em uma biblioteca, em praça pública? Sabemos que sua leitura poderá ser individual ou coletiva (um letrado, por exemplo, pode ler o livro para uma multidão de não-letrados), e que o seu conteúdo poderá ser imposto ou rediscutido. Por fim, a partir da leitura e difusão do conteúdo do livro, poderão ser geradas inúmeras representações novas sobre os temas que o atravessam, que em alguns casos poderão passar a fazer parte das representações coletivas.
> (BARROS, 2005, p. 134).

Segundo Barros (2005) a contribuição de Chartier para a História Cultural está na elaboração de práticas e representações , estas que vem a ser as práticas culturais ou representações coletivas, esta última quando se dá na leitura de um livro por alguém letrado para os não letrados como segue no exemplo do texto, logo se dá a representação coletiva a partir da difusão do conteúdo do livro que terá certa relatividade na leitura individual de cada sujeito.

No texto, o autor relata que como prática cultural, ler um livro, pode gerar, com o ato da leitura individual ou coletiva as representações ou representações coletivas. Portanto, sob uma perspectiva histórico-cultural, entende-se o processo de leitura e escrita como uma prática cultural. Prática esta que permeia os fazeres dos indivíduos na sociedade e a leitura e escrita se dá como "modos" de fazer.

> O que são as "práticas culturais"? Antes de tudo, convém ter em vista que esta noção deve ser pensada não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural, às instituições várias, às técnicas e às realizações (por exemplo os objetos culturais produzidos por uma sociedade), mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo

> historiador. São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. (BARROS, 2005, p. 131).

As práticas culturais se fazem nas múltiplas relações dentro de uma determinada sociedade, não apenas um livro, ou ato artístico é tido como uma prática cultural, mas a maneira de falar, de agir, de comer, de andar. Ou seja, os usos e costumes de uma determinada sociedade sob esta perspectiva são vistos como uma prática cultural.

A prática da leitura e escrita que ultrapassa aquelas que vivenciamos na educação na mera decodificação das palavras, aquela da produção de sentidos, como uma prática cultural é apontada por Chartier (1996, p.16) "A história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler".

As práticas de escrever sob um olhar da história cultural, é uma questão de identidade. Mostramos quem somos, o que fizemos durante a vida e o que pretendemos, através da escrita. A escrita nesta perspectiva é uma história composta que, através de um registro ao qual quem escreve deixa ali nos papeis suas marcas e marcas que produzem sentidos outros.

Certeau (1994) ao definir a leitura como uma atividade desconhecida, afirma que a mesma é apenas um aspecto parcial do consumo, porém fundamental.

> Por seu lado, as pesquisas consagradas a uma psicolinguística da compreensão distinguem, na leitura, "o ato léxico" do "ato escriturístico" Mostram que a criança escolarizada aprende a ler paralelamente à sua aprendizagem da decifração e não graças a ela: ler o sentido e decifrar as letras correspondem a duas atividades diversas, mesmo que se cruzem. (CERTEAU, 1994, p. 263).

Ler o sentido das letras, ou seja, interpretá-las, é antagônico ao "decifrar as letras", onde o autor sugere que somente é possível: ler o sentido das letras, a partir de uma memória cultural. A partir de uma memória cultural, adquirida de ouvido e da tradição oral chega-se a interpretação dos sentidos, não meramente a uma decodificação das palavras.

> Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação

> semântica cujas expectativas a decifração de um escrito afina, precisa ou corrige. (CERTEAU, 1994, p. 263).

A partir desta memória cultural, Certeau (1994) afirma que na leitura, não existe neutralidade. A partir de saberes, experiências e vivências, cada um pode ter sua interpretação a partir de uma dada leitura:

> (...) a atividade leitora apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectação de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera (CERTEAU, 1994, p. 49)

Os saberes singulares compõem a forma como cada um pode ler o seu mundo. E a leitura de mundo, na EJA, como afirma Paulo Freire (1989) pode expandir horizontes na alfabetização.

A interpretação de sentidos vem ao encontro do que tratamos acerca das leitura de mundo. Paulo Freire (1989) ao relembrar fatos marcantes de sua infância, ao fazer a sua leitura de mundo, pôde compreender a posteriori o real significado das palavras, não de forma mecânica sem sentidos e sim uma compreensão crítica e com sentidos.

Na escrita, quando escrevemos adquirimos a experiência, a experiência em sermos escritores, e para Foucault (2006, p. 145) "A escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo". O ato de escrever é aquele que revela os pensamentos, aquilo que somos.

Somos aquilo que escrevemos, nos revelamos, mostramos aquilo que somos, que passamos durante nossa trajetória a partir da escrita, a escrita é um instrumento valioso como afirma Larrosa (2002):

> Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (LARROSA, 2002, p. 21)

Os diários (um dos instrumentos utilizados nesta pesquisa) e outras fontes tradicionais de registro, logo se revelam como instrumento da escrita de si, uma forma autobiográfica.

> Acta sunt verba volant (as ações permanecem, as palavras voam), costuma-se dizer. Mas não é certo. São ações, um muitos casos, que voam. (...) Uma jornada de trabalho em que enfrentamos muitas exigências (...) passa em um piscar de olhos. As pegadas que deixa são muito fracas (...) dali a pouco, tudo desaparece, e as lembranças e imagens que restam são demasiadamente vegas e imprecisas para conceder-lhe atenção. As palavras, em troca, podem permanecer. Principalmente se estão escritas. Se fizemos esse pequeno esforço suplementar de usar alguns minutos no final do dia para reconstruí-lo e narrá-lo, as palavras do diário se tornam "reservatório" da experiência, em garantia de sua conservação. E podemos voltar sobre elas quantas vezes queiramos para relê-las e nos reler (ZABALZA, 2004, p. 136-7)

Para Zabalza (2004) as palavras escritas, são como um "reservatório" de experiências, onde depositamos lá, no papel, aquilo que somos, nossas vivências, nossas alegrias, tristezas, e momentos outros da nossa vida que fazem toda a composição de nossa história.

A partir deste referencial teórico, podemos refletir em relação a pesquisa que se apresenta, com relação á escrita que carrega experiências múltiplas no decorrer do tempo. Escritas que se fazem potentes e que carregam potência inventiva e que serão apresentadas no próximo capítulo.

3 A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DE UM CADERNO DE RELATO COTIDIANO

Este capítulo de trabalho constitui os relatos do caderno da participante da pesquisa: D.Cleide, que será apresentado no decorrer do capítulo.[4]

Muito tenho a compartilhar sobre meus momentos de encontros com as educandas/ educandos na EJA. Na verdade são "fragmentos" de momentos que se fazem singulares e singularizantes em que me torno participante ativa no processo de aprendizado.

Nos encontros com as turmas do PEJA, não seria eu uma educadora, somente? Na verdade a resposta aqui vem seguida apenas de um não. Quando estudamos o processo de formação docente na universidade, nos deparamos com muitos teóricos, com alguns vamos nos identificar, outros vamos estudar apenas por sabedoria ou conhecimento, mas tem outros que nos impulsionam, nos instigam e nos fazem refletir sobre a prática de formação docente de uma forma outra, uma outra perspectiva, outro olhar, novas formas, novos olhares! Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *A Importância do Ato de Ler* (1989) me proporcionou um olhar diferenciado para a leitura de mundo que cada indivíduo pode realizar e como este olhar para o mundo interfere nos aprendizados dentro da sala de aula.

Comecei a compreender como, de fato, se entrelaçavam os três pilares fundamentais da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Quando na extensão, podíamos proporcionar esta devolutiva á comunidade pude compreender o que era um projeto de cunho social. Com as vivências, experiências e problematizações que achamos pertinente para meu projeto de pesquisa foram elencadas questões que fariam parte da justificativa do mesmo e posterior trabalho ao qual apresento aqui.

Nos encontros com as turmas do PEJA, me dediquei a frequentar as turmas do Bairro Bonsucesso, onde tínhamos duas educandas que se faziam assíduas e participativas no processo educacional. Nestes encontros muitas questões surgiam, muitas oportunidades, muitos diálogos, diálogos outros, que foram constituindo minha experiência como educadora em formação e concomitante proporcionando ás educandas a construção da própria autonomia.

Para a Cleide que aceitou a proposta de participar do meu trabalho, levei um caderno, o qual a mesma nomeou como "*Meu diário*".

---

[4] Optou-se em alterar o nome da participante para um nome fictício para preservar o sigilo de sua identidade.

O objetivo da construção do caderno é de proporcionar a escrita, que ultrapassa espaços escolares e proporcionar que a educanda possa buscar autonomia através de escritas cotidianas.

Primeiramente, ao aceitar participar da nossa pesquisa, expliquei como iria ocorrer o processo da coleta de dados e que o caderno também faria parte deste trabalho. Logo deixei claro que os dados colhidos durante todo o processo do trabalho seriam disponibilizados para a UNESP por ser um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Em todos os encontros, D. Cleide trazia algo no caderno que escrevia durante a semana. Brilho no olhar, felicidade e realização de um sonho permeava a escrita cotidiana de D. Cleide. Esta que irei apresentar neste capítulo.

3.1 Paulo Freire e a Importância do Ato de Ler.

> Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-que-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança da copa das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. (FREIRE, 1989, p. 9)

No texto *A importância do ato de ler (1989)* o autor nos apresenta uma abordagem na qual nos mostra a possibilidade para pensar a questão da alfabetização através da leitura de mundo de cada alfabetizando.

Percebe-se que o autor ao descrever sua leitura de mundo, na infância relata que ao cantar dos pássaros e escrevendo com uma pequena vara no chão, pôde ler o mundo ao seu entorno. Ao descrever a velha casa onde morava em sua infância, mostra através de palavras como foi importante para sua leitura de mundo aquele cenário que lhe encantava. Os pássaros, as árvores e tudo o que lá compunha lhe proporcionava a leitura de seu mundo particular.

Descreve também sua experiência como professor de português, aos seus vinte anos, explicitando a importância da questão de não memorizar mecanicamente a descrição dos objetos, mas apresenta como podemos aprender sua significação profunda, não se prendendo à forma mecânica de descrição e memorização, porém, constituindo um conhecimento, de fato, dos objetos.

Em relação à leitura de mundo, por meio da qual através de nossas práticas cotidianas ou momentos que nos podem nos trazer recordações, é possível estabelecer um elo entre o saber cotidiano e o saber conquistado em sala de aula, um elo entre o texto e o contexto.

Questão que na EJA se faz preponderante, nossos educandos são pessoas que já tiveram suas trajetórias percorridas por meio de suas vivências singulares, experiências de vida e histórias podem fazer da sala de aula um lugar do compartilhar dos saberes e, a partir destes, um momento de alfabetização ou outros aprendizados.

Esta proposta vai além de ler mecanicamente as palavras - significa proporcionar que, a partir de seus próprios conhecimentos, pautados no cotidiano, eles (as) possam aprender então o mundo das letras.

> A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9)

Linguagem e realidade se prendem de forma dinâmica e a compreensão do texto requer do sujeito a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A partir desta percepção, refletimos sobre a educação de jovens e adultos, na qual o sujeito que adentra a sala de aula procura *a priori* ser alfabetizado e, de fato, temos este compromisso com os educandos, porém, mais que isso, temos o compromisso de proporcionar que os mesmos façam a leitura de mundo a partir de seus próprios conhecimentos, ou seja, na educação de jovens e adultos a valorização do conhecimento de cada um, compõe as experiências em nossos encontros.

Outra questão que o autor aborda no trabalho é a do trabalho com jovens e adultos ser tratada como forma autoritária, na compreensão mágica das palavras. Os textos escondiam muito mais do que revelavam para os alunos a realidade, ao contrário, o trabalho de alfabetização se torna agora um trabalho político, de compreensão e como ato criador tem o esforço da leitura de mundo e da palavra escrita.

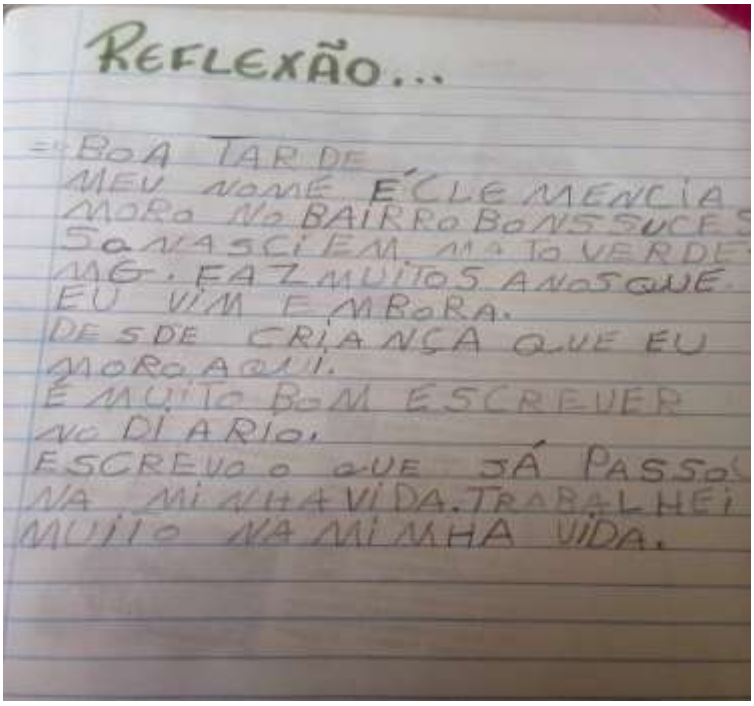
Ou seja, o texto e o contexto andam juntos, no mesmo caminho. Estimular a capacidade crítica dos educandos enquanto sujeitos do conhecimento, com o desafio de conhecer o mundo é uma das questões tratadas no texto que são de extrema importância para que o mesmo tenha compreensão acerca daquele objeto com o qual está trabalhando que faz parte do cotidiano e que pode lhe proporcionar a criticidade através da leitura de mundo. A

leitura de mundo "particular" faz com que nós possamos ser cidadãos críticos, questionadores, daí toda a importância que Freire atribuía é questão do estímulo à criticidade dos educandos, da importância do ato de ler.

3.2 Aventuras de escrita num caderno – o caderno como fonte de pesquisa, registro e aprendizado

> Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?
> Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1996, p. 30)

Cada aula, cada encontro, novas anotações. D. Cleide muitas vezes até colava, ou desenhava algo que lhe era significativo durante os encontros. A mesma aproveitou o caderno e tinha o mesmo como um verdadeiro diário, um diário de experiências, um diário de saberes, um diário do cotidiano, o diário da autonomia.


REFLEXÃO...

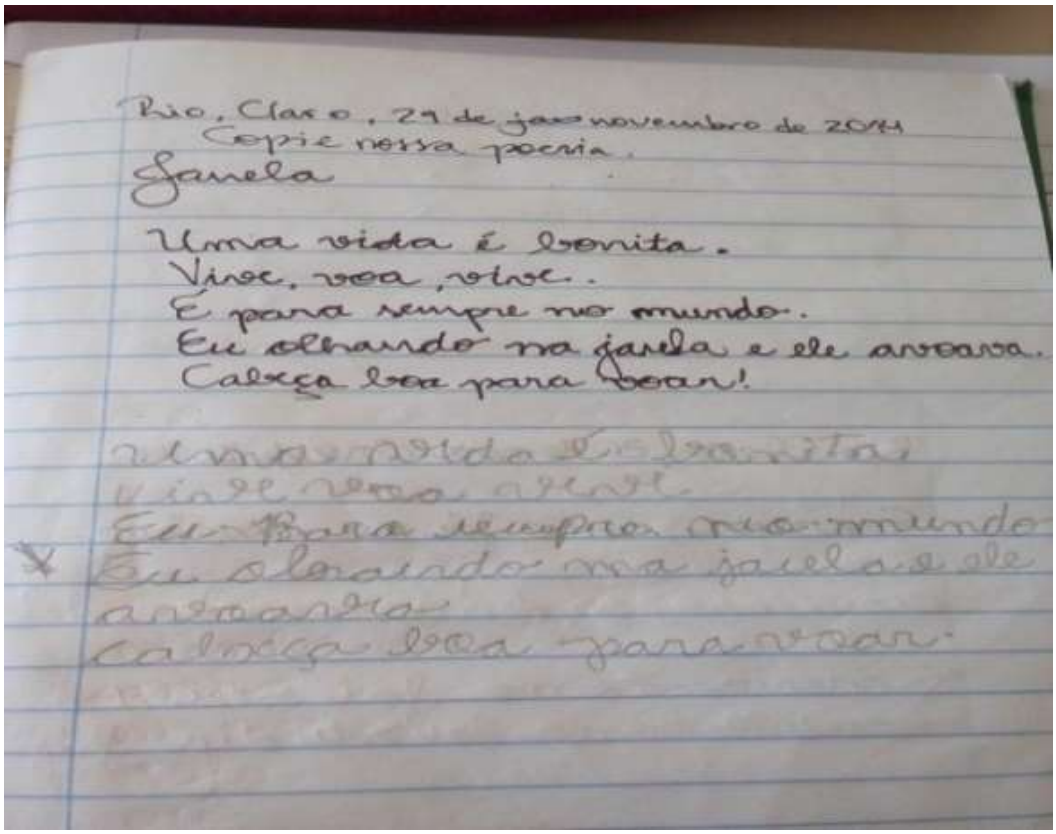
BOA TARDE
MEU NOME É CLEMENCIA
MORO NO BAIRRO BONSSUCESSO
SOU NASCIEM MATO VERDE
MG. FAZ MUITOS ANOS QUE
EU VIM EMBORA.
DESDE CRIANÇA QUE EU
MORO AQUI.
É MUITO BOM ESCREVER
NO DIARIO.
ESCREVO O QUE JÁ PASSOU
NA MINHA VIDA. TRABALHEI
MUITO NA MINHA VIDA.

Figura 1: Apresentação do Diário

Nesse texto, D. Cleide optou por realizar a apresentação do diário com uma escrita de falando sobre si, sobre sua vida, onde nasceu, quanto tempo mora em Rio Claro-SP e sua satisfação em escrever no diário.

> Biografías, autobiografías, confessiones, memorias, diarios íntimos, correspondencias dan cuenta, desde hace poco más de dos siglos, de esa obsesión de dejar huellas, rastros, inscripciones, de ese énfesis en la singularidad que es a un tiempo búsqueda de trancendencia. (ARFUCH, 2010, p 17)

A partir da escrita, da escrita de si, de compartilhar algo que pode remeter à vida do individuo, o mesmo deixa ali registrado aquilo que é, e se faz singular neste processo do "relato minucioso do acontecer" e através destes relatos diversos percebe-se a autenticidade na voz de cada indivíduo, seja numa cultura contemporânea onde por meio de entrevistas, conversas ou relatos de auto ajuda podem ser um caminho para relatar a própria vida ou numa forma mais tradicional na escrita de diários íntimos, nas memórias e também as cartas.


Rio, Claro, 29 de ~~jan~~ novembro de 2014
Copie nossa poesia.
Janela

Uma vida é bonita.
Viver, voar, viver.
É para sempre no mundo.
Eu olhando na janela e ele avoava.
Cabeça boa para voar!

Uma vida é bonita.
Viver, voar, viver.
Eu Para sempre no mundo
Eu olhando na janela e ele
avoava.
Cabeça boa para voar.

Figura 2- Poesia: Janela

Nesse texto, percebe-se a transcrição do poema pela D. Cleide onde objetivou-se por intermédio da escrita como uma “lição de casa” que a mesma tivesse o contato com palavras diversas, conhecer a poesia a escrita.

Na aula em que tivemos contato com diversas embalagens de alimentos, D.Clemencia “abusou” da criatividade e escreveu... escreveu palavras, escreveu outras palavras, enfim aproveitou o caderno para colocar ali o que sabia.

O “diário” foi se revelando dispositivo eficaz no processo de troca de saberes no PEJA, em cada encontro D. Cleide teria liberdade para anotar em seu caderno, suas inquietações durante o acontecer dos encontros, suas dúvidas, aquilo que fazia parte de seu mundo.

Na troca de experiências, fomentadas por vivências que articulam saberes e fazeres cotidianos com conteúdos que remetam à ampliação de conhecimento da língua escrita, por exemplo, todo desafio se torna enriquecedor. Os cadernos tornaram-se, então, uma ferramenta que se faz cotidiana e presente na vida de D. Cleide.

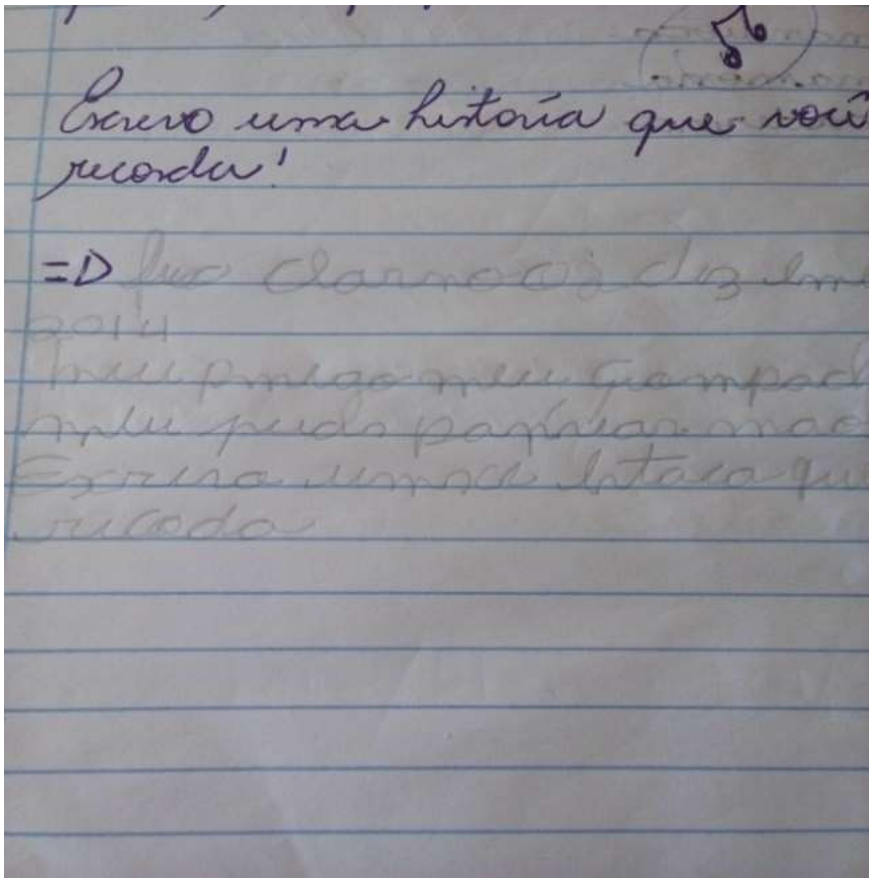


Figura 3- Escrita da Música

A proposta que foi dada para D.Cleide é que a mesma escrevesse uma história que lhe marcava. A mesma escreveu: Meu amigo, meu compadre, meu irmão, escreva sua história pelas suas próprias mãos. Este trecho é de uma música que trabalhamos em sala de aula e que foi de recordação durante a semana para D. Cleide.

Estas experiências são enriquecedoras e fazem com que o trabalho na educação de jovens e adultos se torne significativo. Como educadores, passamos por inúmeras situações, que nos tocam como experiências, que às vezes se tornam relatos que ficam registrados em simples cadernos, tornado-se fonte material de trabalhos acadêmicos, reflexões, como argumentam Camargo e Chaluh (2014); enfim, a troca de saberes no ambiente de EJA e os múltiplos conhecimentos que nós educadores podemos adquirir é uma experiência única, que nos passa, nos toca, nos afeta.

A partir de sua própria experiência de vida, o educando do cenário de EJA pode ser alfabetizado, como os exemplos acima citados, o de conhecer as embalagens do supermercado que muito lhes facilitou a leitura em sala de aula neste dia, ou o de registrar em cadernos levados pela educadora aquilo que tocou a cada um deles.

E quantas outras questões cotidianas podemos pensar em que um educando possa aprender?

São múltiplos os horizontes para os quais cada um pode olhar e pode aprender, podemos entender que nossos educandos vão ao encontro do aprendizado e se aventuram. Podem aprender, assim como nós, educadores, como eu, educadora, podemos aprender muito com cada um deles, como Paulo Freire relata em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 23): *"Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender"*. Esta troca de saberes está vinculada a esta percepção que o autor relata, que está presente em nossas aulas como educadores e educandos que aprendem uns com os outros, num compartilhar de experiências e saberes que faz o trabalho se tornar emancipador.

Ainda em *Pedagogia da Autonomia* (1996), Paulo Freire aborda a questão da experiência formadora, na qual o formador, assumindo-se como sujeito, ainda na produção do saber, tenha a convicção de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a construção dos mesmos.

Refletindo um pouco sobre esta questão e estabelecendo um elo entre o que venho tratando aqui neste trabalho que é a relação da leitura e escrita com as vivências cotidianas, pode-se também entender o papel do educador como crucial para este momento, em que o mesmo poderá criar um caminho de possibilidades para que o educando construa seus saberes vinculados à leitura e à escrita a partir de experiências vivenciadas pelo próprio sujeito.

O ambiente da EJA se torna enriquecedor...

Enriquecedor para nós educadores que, a cada aula, podemos aprender um pouco de cada trajetória de vida, com todas as dificuldades e também a superação de cada uma.

Essa superação ante as dificuldades e as necessidades que cada um tem de ler e escrever, talvez para ler a bíblia, talvez para ler a senha no atendimento de saúde, ler o nome de um remédio, saber a hora de tomar o mesmo, ler o jornal, um livro, ler e escrever cartas, ler a embalagem dos alimentos sem que seja possível o conhecer dos mesmos, somente pela cor da embalagem e tantas outras necessidades que se fazem presentes na vida de cada um.

Talvez seja isso nos mova a acreditar no projeto, a acreditar que numa sociedade letrada onde há oprimidos e opressores, podemos fazer a diferença na vida destas pessoas, possibilitar que elas acreditem em si mesmas e na força que carregam, o incentivo parte de nós educadores, porém eles são o nosso maior motivo, nosso sonho, nossas realizações, nosso escrever e refletir, pensar e ler.

Para Bakhtin (2002):

> Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.
> Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação á coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu locutor. A palavra é o seu território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2002, p.113).

Ao ter a possibilidade em escrever no caderno D. Cleide a partir da palavra escrita se fez "locutora" ao proceder da mesma fatos de sua vida que lhe marcara a ponto de escrever no caderno. D. Cleide lançou uma ponte para assim se expressar em relação o outro, aquele que iria ler os fragmentos cotidianos de seu caderno.

Cada experiência da Dona Cleide, contada ali, através de atividades que extrapolavam o "realizar uma atividade", contanto fatos, relembrando momentos, trazendo lembranças num espaço de diálogo, espaço de autonomia, espaço de alfabetização. O *Meu diário,* com atividades, expressões, perguntas e inquietações, ao longo dos dias, ganhava mais espaço no cotidiano de Dona Cleide, que o via como parte de seu cotidiano, o cotidiano de leituras, de troca de saberes.

Ao definir a palavra como " a expressão a um em relação ao outro" ou a palavra como "ponte entre mim e os outros" Bakhtin (2002), nos traz reflexão entre o que estamos realizando através do caderno. Dona Cleide, em seus diálogos no caderno realiza este

exercício, através das palavras, em expressar e se relacionar com o outro. E nós educadores nos tornamos interlocutores neste processo de troca de saberes.

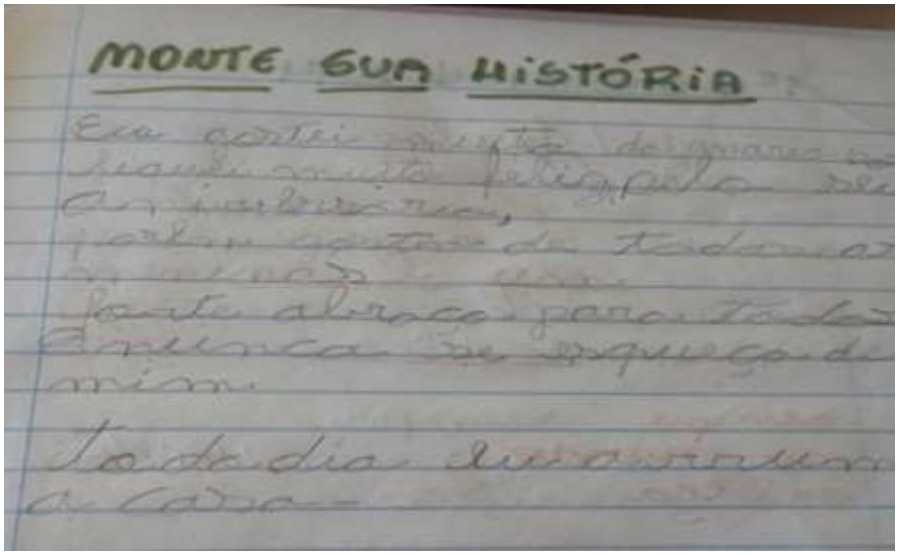


Figura 4- Monte Sua História

Nesta atividade de escrita, D.Cleide se recorda de nossa coordenadora do PEJA e relembra com alegria o fato de que naquele mesmo dia era seu aniversário

Na mesma página a mesma diz que "todos os dias arruma a casa". Então, percebe-se uma aproximação da escrita com a realidade cotidiana: os afazeres do lar, os momentos que se faz necessário ir ao mercado e etc.

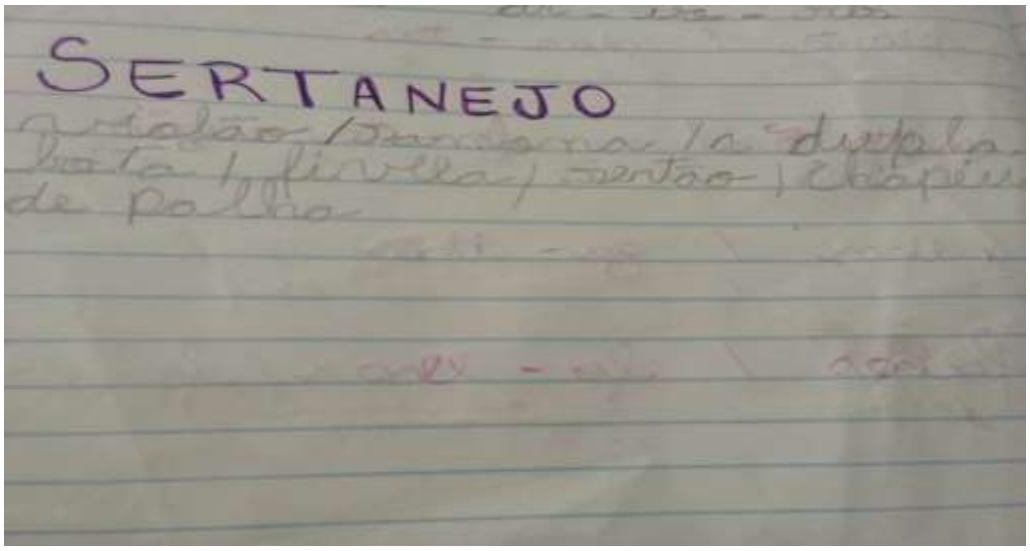


Figura 5- Sertanejo

Em um de nossos encontros, as educandas cantaram a música: Luar do meu sertão, realizamos esta atividade em roda. Com semelhança entre os gêneros musicais que fazem parte do entorno da vida das educandas, percebemos que as mesmas gostaram do encontro e da música cantada.

A questão da leitura de mundo se fez presente novamente em minhas reflexões a também em meu caderno de relato do PEJA.

Ao dialogar com D. Cleide o que a impulsionaria a realizar o relato em seu diário, acabou surgindo a palavra: SERTANEJO, pedi para que a mesma relatasse ali, durante a semana, o que se recordava desta palavra.

O que sertanejo remete a ela?

Violão, sanfona, a dupla, bota, fivela, sertão, chapéu de palha.

Estas foram as palavras que a mesma escreveu. Ficou nítida a relação que a mesma estabeleceu entre o sertanejo e outros aspectos que envolvem esta palavra. É a representação do que o sertanejo é para ela.

Relatei mais que depressa em meu caderno de relatos que mais uma vez a leitura de mundo se faz uma questão muito pertinente a mim.: O que nos impulsiona (educadores) a trabalhar com este público de jovens e adultos?

O que impulsiona os educandos a querer aprender a ler e escrever?

Bom, posso dizer que respostas para estas questões certamente não possuo, mas o que fica claro em minhas reflexões é que é um desafio estar a frente de um trabalho desta amplitude e que proporcionar que os educandos a partir da leitura de mundo que possuem, das vivências e das "bagagens" que carregam possam aprender as letras sempre me instigou a participar do PEJA. A troca de saberes se faz potente quando podemos partilhar todos juntos o que carregamos durante a vida.

Finalizo a reflexão desta imagem com um trecho da música que trabalhamos:

Luar do meu sertão (Luiz Gonzaga)

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata
Prateando a solidão
E a canção e a lua cheia
A nos nascer no coração.

Em outro encontro do PEJA estávamos conversando acerca dos lugares que nos marcaram na vida. Antes de produzir esta escrita acima, primeiramente D. Cleide quis compartilhar o sentimento sobre a fazenda que morou durante sua infância, como ela era e como este lugar lhe marcara. Após o momento de falar sobre a fazenda a mesma relatou em seu diário.

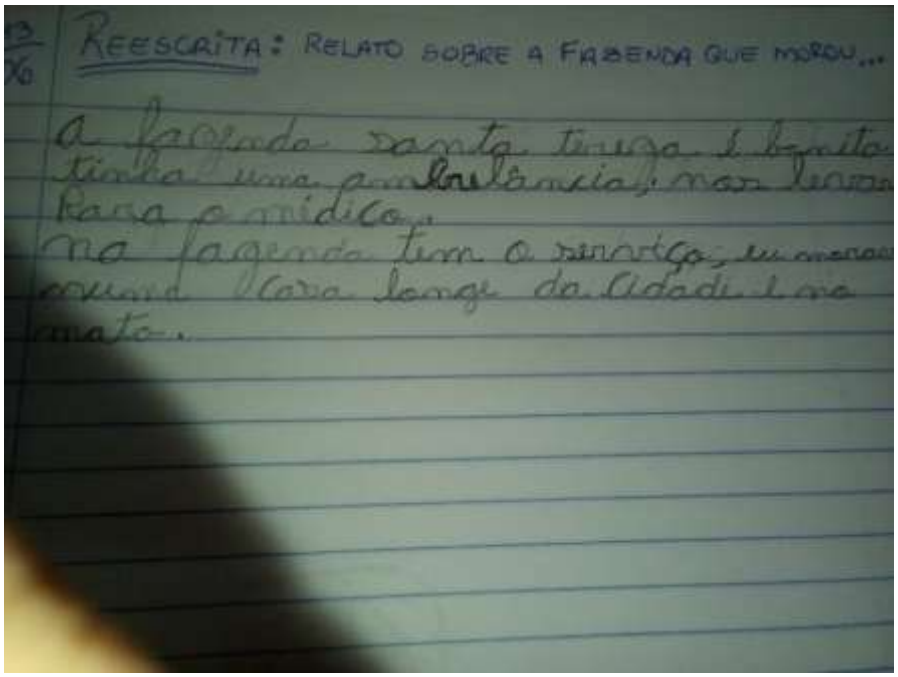

REESCRITA: RELATO SOBRE A FAZENDA QUE MOROU...

Figura 6- Relato sobre a fazenda em que morou

> Professora, eu quero falar da fazenda que morava, este lugar marcou muito minha vida e minha história. Localizada numa cidadezinha logo perto de Rio Claro, morei muitos anos com meus filhos e com meu marido.
> Na fazenda tinha muitas árvores, muitos bichos, muitas flores, tudo de bom que a natureza pode nos oferecer estava lá. (D. Cleide)

Enquanto ouvia D.Cleide falar, me reportei a um trecho do texto "A da importância do ato de ler" onde Paulo Freire falava da sua casa:

> A casa velha, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 1994, p.13).

A partir do que eu sei, eu leitor deste mundo diverso, posso realizar minha leitura de mundo. E realizar esta leitura não significa saber o A, B e C, pois se resumíssemos a alfabetização a estas questões estaríamos privando o ato criador de nossos educandos.

Podemos perceber o crescimento de cada um de nossos educandos a partir de suas leituras cotidianas que se desfazem na sala de aula a partir da composição das próprias palavras.

Estas vivências, esta bagagem de cada um, compõe o momento da leitura das palavras. Como dito anteriormente: texto e contexto estão interligados. Leitura de palavras não vem antes de uma compreensão do "mundo que nos cerca".

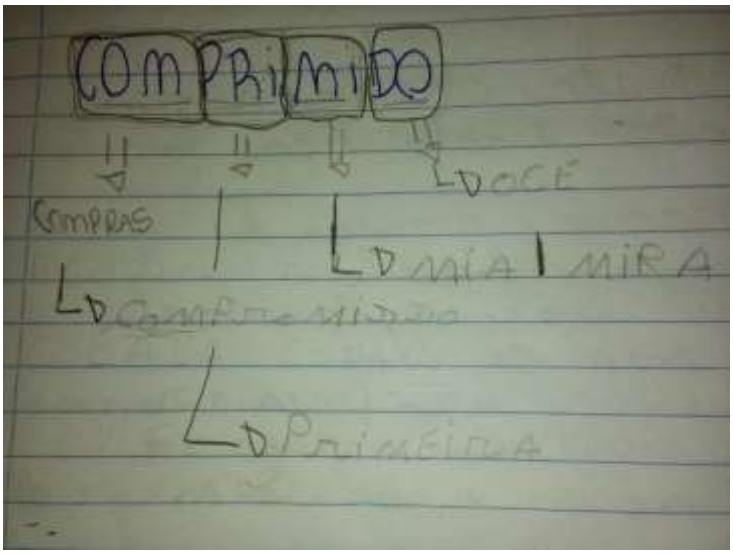


Figura 7- Palavra: Comprimido

Em outro encontro trabalhamos algumas palavras geradoras com as educandas. Como D. Cleide estava há dias realizando um trabalho de entrevista parte deste trabalho de pesquisa a mesma escolheu a palavra comprimido durante um diálogo. Então fomos para a decomposição da palavra por meio da divisão das sílabas e o entendimento do contexto da palavra. Com a sílaba: com, D. Cleide escolheu a palavra compras. Para a sílaba: pri, a palavra primeira; para a sílaba: mi, D. Cleide escolheu a palavra Mia, nome próprio. Questionei a mesma do porquê a escolha daquela palavra e a mesma relatou que gosta muito daquele nome. Por último a sílaba: do, e mais que depressa D. Cleide escolheu a palavra doce, onde não conseguiu esconder sua paixão pelos doces!

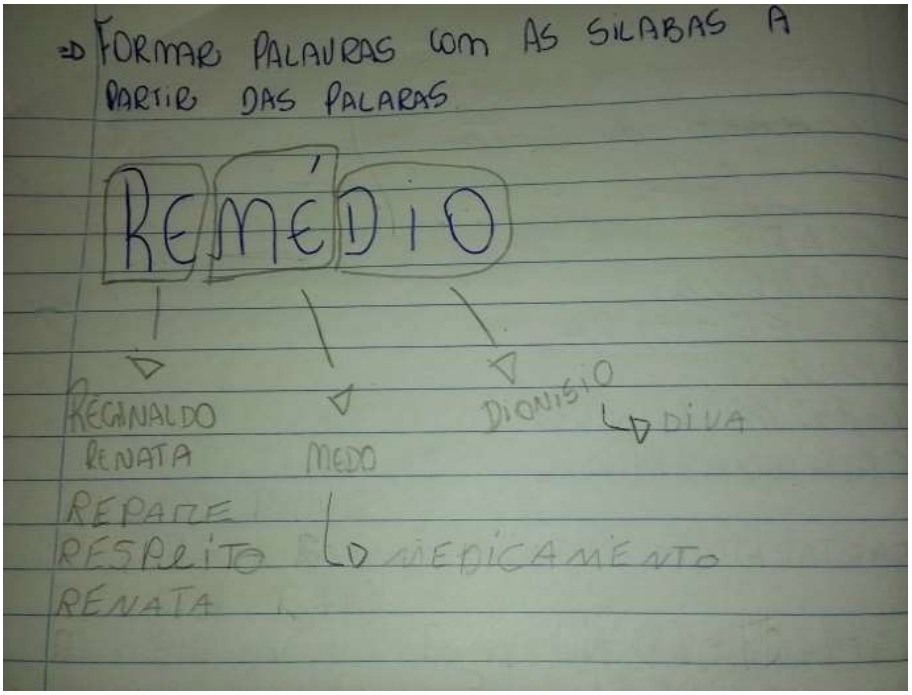


Figura 8- Palavra: Remédio

O mesmo foi realizado com esta palavra. Para a sílaba "Re", D.Cleide escolheu as palavras: Reginaldo, Renata, repare e respeito. Para a sílaba "me" a mesma escreveu medicamento e medo e para a síalaba "di" Dionísio e diva. Neste encontro estávamos em dois educadores e perguntamos a ela o que a palavra diva lhe significara e a mesma nos respondeu:

Ué, diva é quando a gente deve e não paga a conta! (D.Cleide, 8/8/2016)

Quando D.Cleide falou a palavra: relâmpago, em relação a sílaba "re" pedi para que ela pudesse escrever no caderno e sua resposta foi a seguinte:

A gente não pode escrever relâmpago, porque vem do céu! (D.Cleide, 8/8/2016)[5]

Quantos saberes estas pessoas possuem, saberes outros que foram se constituindo durante a longa caminhada de vida!

[5] Na transcrição das falas de D. Cleide foi mantida a forma como expressada por ela.

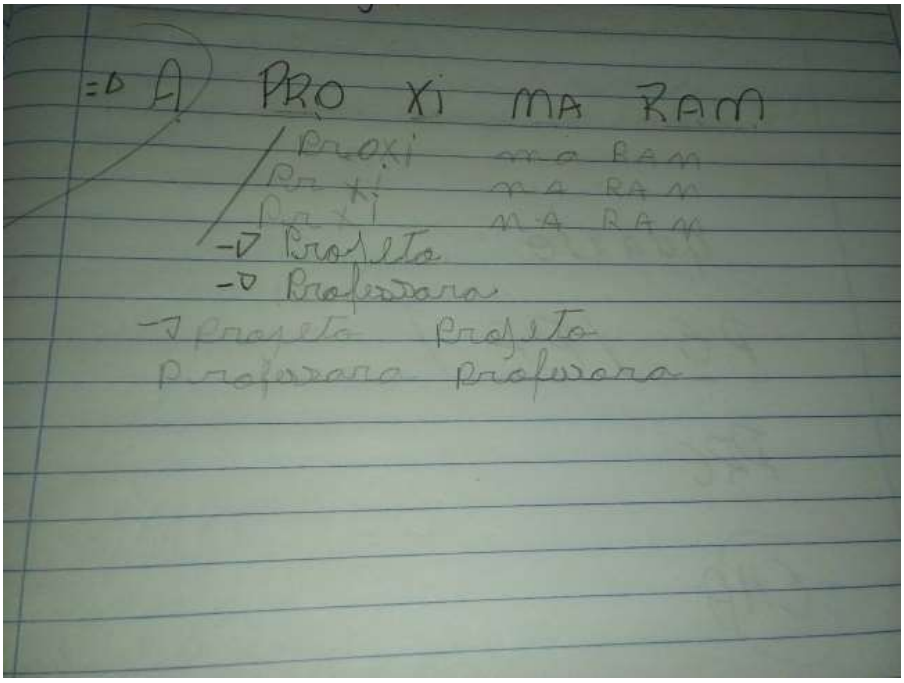


Figura 9- Palavra: Aproximaram

Nesta palavra, D.Cleide explorou as outras possibilidades em escrever com as sílabas da palavra "aproximaram", palavra que ela falou em um dos encontros e que se tornou uma palavra geradora. Professora e projeto foram palavras que significativas à ela integraram a atividade. No final da realização destas palavras ao final do encontro D.Cleide nos diz:

Nossa!! Agora eu sei o que a gente ta fazendo! Escrevendo as palavras em pedacinhos!
(D.Cleide, 8/8/2016)

E quantas outras palavras podemos lembrar? E quantas outras podemos escrever que fazendo parte da nossa vida cotidiana compõem todo essa maravilhosa forma de fazer a nossa leitura de mundo?

Enfim...

Leituras que se fazem...

Leituras que realizamos...

Leituras que surgem...

Palavras...

Nosso mundo, o mundo cotidiano que nos cerca. A belezura do olhar para esta maravilha de mundo que nos envolve e que somos afetados! Esse mundo que pode fazer parte de leituras em sala de aula e que na EJA trazer a adultos que nunca tiveram contato com a

leitura e escrita anteriormente o contato com a mesma. São as múltiplas formas de olhar este mundo e ser afetado por ele, concluo este capítulo feliz por estar fazendo parte da realidade e dos encontros no PEJA com a D. Cleide.

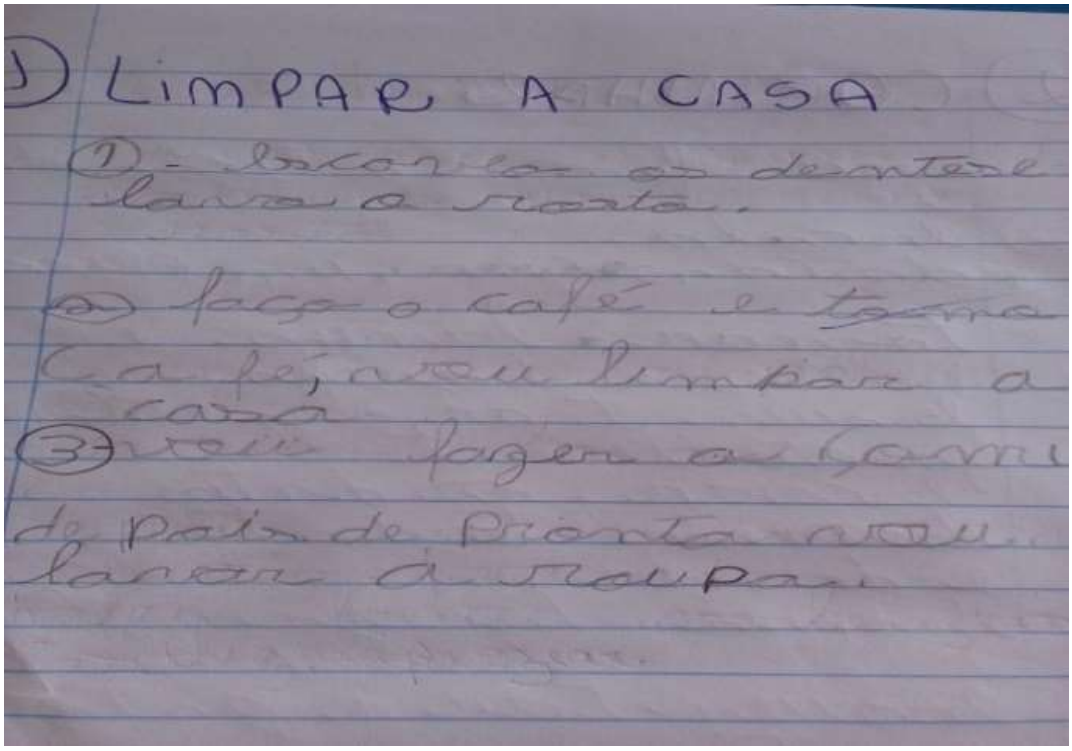


Figura 10- Sobre limpar a casa

Nesta atividade de escrita, D. Cleide optou em relatar acerca de suas atividades diárias e escreveu em seu diário as atividades que realizou em determinado dia da semana.

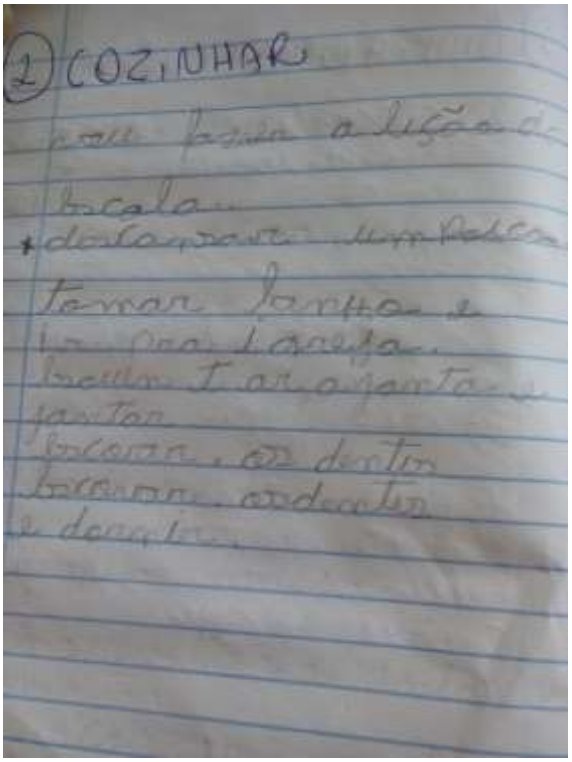


Figura 11- Sobre Cozinhar

Nesta atividade de escrita, D. Cleide relatou acerca de suas atividades cotidianas, sobre ir á a igreja, atividade cotidiana e significativa e questões outras como escovar os dentes, tomar banho e etc. A aproximação com a escrita e as atividades cotidianas de D. Cleide agora iam se tornando significativas para a mesma.

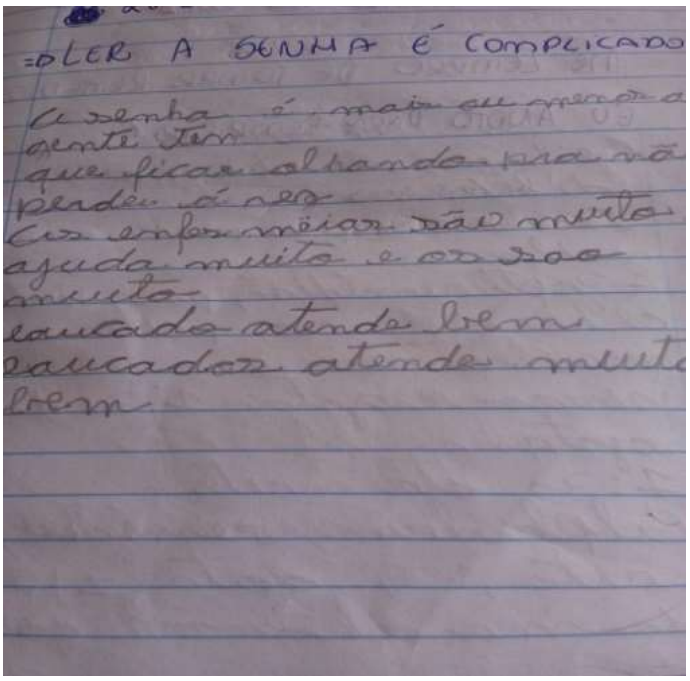


Figura 12- Sobre a leitura das senhas

Nesta atividade de escrita cotidiana, D. Cleide nos conta um pouco sobre “ler a senha” nos estabelecimentos de saúde. Percebe-se que no começo a mesma relata que a “senha é mais ou menos complicado” e que “tem de ficar olhando para não perder a vez”. Podemos entender que D. Cleide ocupando o lugar de alfabetizanda e usuária do SUS, entende-se que a mesma relata que tem de ficar atenta para não perder sua vez. E quantas outras táticas estas pessoas utilizam para não perder a sua vez? Pedir para o colega ao lado verificar, ficar mais que atentos e mesmo não sabendo ler todos os números e palavras, as mesmas fazem um grande esforço para que possam viver cotidianamente na sociedade letrada que vivemos. São táticas individuas que estabelecidas por cada sujeito singular fazem a diferença no momento que vão ao mercado, ou a padaria, ou ao posto de saúde e tantos outros lugares frequentados na sociedade.

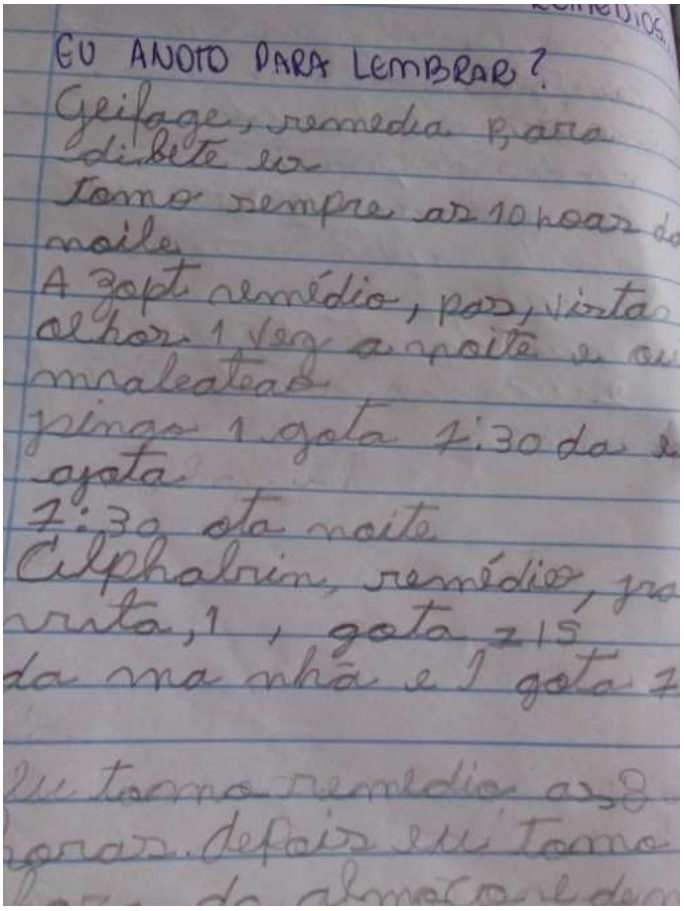


Figura 13- Sobre as anotações cotidianas

Nesta atividade, D. Cleide nos relata acerca dos remédios que utiliza cotidianamente e como faz para lembrar quando deve utilizá-los durante o dia.

Percebe-se que a mesma utiliza do “tempo” como marcador que as 8 da manhã no momento do café, ou na hora do almoço, ou na hora do jantar.

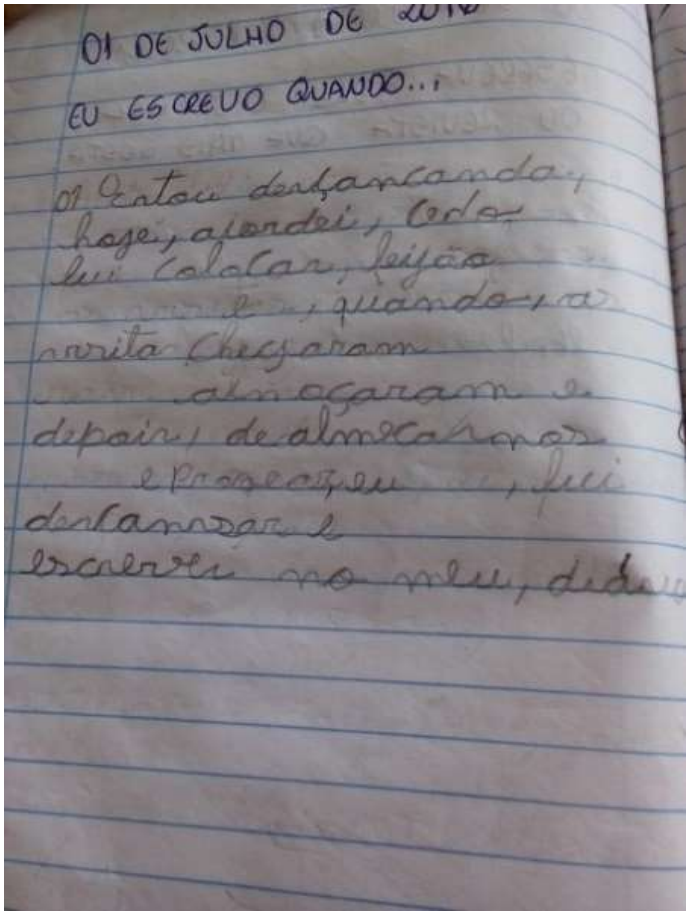


Figura 14- Sobre os momentos da escrita

Nesta figura, D. Cleide nos relata acerca de quando escreve durante seu dia-a-dia. Após realizar todas as atividades diárias como colocar feijão no fogo, ao receber visitas, ao almoçar e após estas atividades a mesma escreve no seu diário. Percebe-se que a escrita, agora, já faz parte da vida cotidiana de D. Cleide que até então durante sua vida, não teve contato com a mesma. Após a entrada no PEJA de Rio Claro que D. Cleide pode aprender a ler e escrever e a partir destes, conquistar a autonomia que até então, tinha sido negada a mesma durante sua infância e juventude.

Para finalizar, trago o trecho de uma música que conheci durante a graduação e que se tornou de fato, muito marcante a mim na voz de Zé Geraldo:

> Hei você que tem de 8 a 80 anos
> Não fique aí perdido como ave sem destino
> Pouco importa a ousadia dos seus planos

> Eles podem vir da vivência de um ancião
> ou da inocência de um menino
> O importante é você crer
> na juventude que existe dentro de você
> Meu amigo, meu compadre, meu irmão
> Escreva sua história pelas suas próprias mãos.
> (Zé Geraldo. Como diria Dylan).

D. Cleide superou suas limitações e foi em busca de realizar um de seus sonhos: ler e escrever! Assim como a música nos diz que "devemos escrever nossa história pelas nossas próprias mãos, D. Cleide quando pôde ir aos nossos encontros, escreveu novamente esta parte da história de sua vida, de uma outra maneira, diferente da realidade que a permeava desde a infância. Assim como D. Cleide, que todos nós possamos acreditar na força de nossos projetos.

4 LEITURA E ESCRITA QUE PERMEIAM O COTIDIANO DA D. CLEIDE- PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NO CUIDADO Á SAÚDE

Este capítulo de trabalho constitui as entrevistas com D. Cleide, que foram realizadas e transcritas e que serão apresentadas no decorrer do mesmo.

D. Cleide, personagem de vida difícil... Ela frequenta o PEJA, Turma do Bonsucesso (2016). Nos momentos de leitura em sala, e na sua escrita, percebe-se que vivencia e relembra sua jornada de vida. Podemos identificar o porquê ela frequenta o PEJA nos dias atuais, conhecendo sua história de vida difícil: o pai não a deixava ir para a escola e que, por isso, não pôde descobrir o mundo da leitura e da escrita enquanto criança.

A questão de não frequentar a escola é muito marcante para a D. Cleide, que relembra este fato muito triste, porém, é sempre radiante o sorriso em seu rosto.

Há uns dias atrás me deparei fazendo o seguinte questionamento: Quem são estas pessoas que, por entre dificuldades e incertezas, caminham com um sorriso no rosto? Logo me lembrei da D. Cleide e sua motivação em frequentar a sala de aula e veio à mente outro questionamento, acerca da própria D. Cleide: Será que o sorriso no rosto é porque está no momento de realização pessoal?

Todos estes questionamentos me instigou a escrever este trabalho e refletir acerca de suas vivências no PEJA, que através de suas vivências constitui os saberes nos encontros do PEJA.

Me reportando acerca das vivências, me lembro de um de nossos encontros em que pedi para que alunas relembrassem de algo que lhes tivesse marcado, fosse um objeto, uma pessoa, um lugar ou um acontecimento, e em outro momento falassem acerca do que relembraram.

Mais que depressa, D. Cleide relembra da fazenda em que morou durante anos e como esta fazenda foi importante para sua vida, onde pode criar seus filhos, viver com seu marido... relembrou também das árvores, dos bichos e de tudo o que caracterizava a fazenda que morou.

Percebemos brilho radiante em seu olhar quando falava desta fazenda; após, pedimos para que elas escrevessem o que tinham acabado de socializar. D. Cleide, como sempre, começou muito empolgada a atividade que lhe foi designada.

Após alguns minutos de silêncio a mesma parou e disse a seguinte frase: “Eu nunca vou conseguir escrever!”.

Esta frase foi muito marcante, e obviamente que dialogamos acerca da importância da escrita que a mesma tem construído durantes esses anos no PEJA, e que isso não pode se perder.

Mas o que leva um educando como a D. Cleide, com uma história de vida sofrida marcada pela frustração de não poder ir à escola, em algum momento dizer que nunca conseguirá escrever ou ler?

Penso que nós educadores, devemos mostrar este caminho para nossos educandos, seja através de uma palavra, de um incentivo ou algo que lhes possa mostrar o quão é importante estarem ali. Talvez sua dificuldade nas aulas, *a priori*, pareça ser um empecilho, mas logo vemos que a mesma volta a se animar e continua a atividade. O mesmo aconteceu neste dia.

Para Meihy (1996) o colaborador, aquele que conta a história, assume um papel de destaque no trabalho.

É aquele que traz uma matéria prima que pode ser lapidada e portanto, o colaborador é a razão do estudo, o *eu* dominante, vale ressaltar que optou-se entre as três formas de história oral: história oral de vida, história oral temática e tradição oral, para este estudo, optou-se em realizar a história oral de vida, já que a mesma possibilita, o contato com as vivências passadas do colaborador e posteriormente levantar diálogos acerca do estudo.

4.1- Conhecendo o cotidiano (de leituras) de D. Cleide

Alguns questionamentos permearam o trabalho de entrevista com D. Cleide. Estes por sua vez, nos possibilitaram entender alguns significados e maneiras de fazer que uma pessoa pouco escolarizada, no contexto do SUS, faz quando necessita tomar remédio, ou realizar consultas e exames de rotina.

Ao relatar acerca de ler e escrever e qual o significado que os mesmos tem em seu cotidiano, D. Cleide relata acerca de como a leitura e escrita, que presentes em seu cotidiano são positivas e de como é bom ler e escrever em sua concepção.

Ler e escrever é uma coisa muito boa né? É bom a gente ler e escrever, só que eu tenho um pouco de dificuldade pra ler, alguma letrinha eu leio. Muitas letras eu pulo, eu não leio, eu tenho muita dificuldade, pra escrever já é mais fácil né? Pra. ler também não é muito duro, muitas letras eu leio. É difícil, mas não é difícil. (D. Cleide. 25/07/2016).

Ao frequentar inicialmente o PEJA, D. Cleide com objetivo de aprender a ler e escrever se deparou com aulas que, faziam parte de seu cotidiano e que assim, tornavam-se significativas em seus momentos de leitura e escrita.

D. Cleide, ao relatar acerca de ler e escrever quando tem de tomar algum remédio, afirma que:

Quando tem de tomar algum remédio, faz assim, eu leio né. Muitas letras que eu to lendo assim, eu vou lendo, vou lendo. Algumas letras eu pulo né, ai eu mando minha filha ler pra mim, o que eu não to entendendo. O que ta escrito no papel no dia que a gente toma o remédio? Então ai eu sei a hora né, que nem o remédio de vista, eu já sei a hora certa. (D. Cleide 25/07/2016)

D. Cleide afirma que ao fazer o uso de medicações, utiliza do tempo como marcador. Logo, ela marca um horário fixo durante o dia que faz uso de suas medicações. E quando realmente não consegue ler o que está escrito, pede para que sua filha realize a leitura.

Mas, por que D. Cleide, muitas vezes não sabendo realizar a leitura de algo, ou o horário marcado, utiliza o tempo como marcador? Em diálogo com a mesma, percebe-se que os horários para as refeições são fixos, e que a mesma utiliza as refeições para realizar o uso de suas medicações. Logo a "tática" que a mesma criou para tomar remédios foi utilizar como lembrete os horários de refeições.

O mesmo pode dizer a respeito das marcações de exames importantes, onde a mesma faz uso de seu celular, como lembrete e assim não perder datas e horários agendados.

A do exame, eu já sei a hora né, que é pra eu fazer, o exame que eles manda a gente. Eu olho no meu celular eu já falo né, que já está na hora de fazer o exame. Então se for exame de fazer muitas coisas, minha filha também ajuda eu. (D. Cleide 25/07/2016)

Em relação ás dificuldades em orientações de exames importantes, D. Cleide afirma que:

A eu tenho dificuldade né. Aí nessa hora eu tenho.Bom quer dizer assim né, na hora do exame, a gente só sabe o dia que a gente vai fazer aquele exame. Chega no dia, a gente pega e a gente vai. Pra ler e escrever, pra ler não é muito difícil, bom pra escrever é um pouco né? (D. Cleide 25/07/2016)

Com situações cotidianas, em relação a ler e escrever, percebe-se que D. Cleide relata dificuldades em escrever e que o exercício de leitura se torna, em certas ocasiões mais fácil para a mesma.

4. 2- Cotidiano: leituras que se fazem, experiências vividas

De acordo com D. Cleide a escola é muito importante em nossa vida, para o cotidiano:

Bom, voltar a estudar assim né, desde quando eu era pequena, toda a vida eu tinha vontade de estudar. Agora depois de velha eu voltei estudar né?É bom aprender a ler, aprender a escrever, assim a gente não fica igual analfabeto. (D. Cleide 25/07/2016)

A importância dos estudos para a mesma se apresenta em momentos cotidianos que a leitura e escrita se fazem necessárias:

O que eu gosto mais? A gente vai no mercado, a gente sabe o preço das coisas né, a gente sabe o preço do arroz, a gente sabe o preço do feijão, a gente sabe o preço do açucar a gente sabe o preço de uma lata de óleo, a gente sabe o preço de tudo né?
É muito importante, a gente entra no mercado ai, a gente tem que ta pedindo pra aquela pessoa pra mostrar pra gente o preço das coisas, é chato né? A gente ta ali no corredor, a gente ta vendo o preço das coisas a gente não sabe, passa uma pessoa a gente tem que estar perguntando : quanto que é aqui, quanto que é aqui? A gente não sabe? É feio né? Eu acho feio! (D. Cleide. 25/07/2016)

Podemos compreender que D. Cleide acredita na importância dos estudos, porque vai ao mercado e lá quer ler as embalagens dos alimentos, sem pedir ajuda a ninguém. Podemos compreender que o PEJA é o projeto que possibilita que cada um, a partir de vivências, possa adquirir autonomia.

Para Camargo (2010) o entrelaçamento da leitura e escrita, se faz no no diálogo, texto a texto, palavra á palavra, entre as vozes, entre os saberes, entre afinidades, entre paixões, entre amizades.

Nesse (entre)meio da vida, o processo em que vivenciamos, que significamos, que vivemos! O mundo que nos afeta e que afetamos. Neste processo (leituras e escritas) da vida, dos saberes, das vivencias, dos significados. A partir de saberes culturais, pode-se entender que o processo de ler e escrever, encontra-se em interligado com a pessoa que escreve e que escreve de si. Escrevemos porque vivemos e vivemos porque algo nos afeta, nos move, nos modifica.

Escritas que se fazem...

D. Cleide se faz leitora e escritora, quando no cotidiano busca realizar o sonho, viver um sonho, criar leituras, leituras outras, processos...

Quando eu estou no posto de Saúde Débora, eu fico olhando aqueles cartazes, e fico lendo né, o que vai passar no posto de saúde, eu fico lendo aqueles papéis. (D. Cleide, 25/07/2016)

Porque lemos?

Lemos porque queremos?

Lemos porque somos obrigados?

Lemos por prazer?

Ou lemos porque algo nos move, nos instiga, nos preocupa, nos desconcerta?

Somos afetados quando lemos. E nosso mundo particular, aquele que vivemos, traz sua contribuição para nossas múltilplas leituras.

D. Cleide, não lê porque se sente obrigada. Lê porque sente prazer, porque algo a instiga, a motiva! Assim como ler no posto de saúde, lhe marca, pois a leitura cotidiana se faz, neste aspecto, fundamental e prazerosa. D. Cleide, mulher, leitora, amiga, educanda.

Para Larrosa (2002):

> A experiência da leitura não consiste somente em entender o significado do texto mas, em vivê-lo. É a partir deste ponto de vista que, ler, coloca em jogo o leitor e sua totalidade. (LARROSA, 2002, p. 17)

A partir deste fragmento textual, podemos entender que as leituras que fazemos, devem estar ligadas á nossa totalidade. Entender o significado do texto é vivê-lo. D. Cleide ao estar no posto de saúde, no vivenciar este momento de cuidar da própria saúde, ao ler cartazes e folders, está vivendo o texto. O texto está, neste contexto, ligado as suas vivências cotidianas.

4.3 D. Cleide: a mulher que escreve

Ao questionar D. Cleide do porque não estudou quando na infância, a mesma recorda fatos marcantes de seu passado:

Naquela época eu não estudei Débora, porque meu pai falava né, que escola ficou foi pra homem, não foi pra mulher, mulher cresce, depois vai escrever cartinha pro namorado, pra rapaz. Então nosso estudo foi na roça, foi muito na roça nosso estudo, nós nunca teve estudo! (D. Cleide, 25/07/2016)

No livro “Quarto de despejo. Diário de uma favelada, Carolina Maria de Jesus relata as dificuldades que passava uma mulher negra, mãe de três filhos e moradora da favela. Os relatos por sua vez, são suas vivências cotidianas, seu diário íntimo. “Li um pouco. Não

sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem". (1960, p. 60)

Carolina gostava muito de escrever, cotidianamente relatava em seu diários toda a sorte de necessidades e toda vida sofrida que vivia. A experiência da leitura também é muito presente, onde desde cedo, lia a Bíblia, romances e livros de história.

Econômica e socialmente marginalizada, Carolina debruçou-se em escrever, escrever de si, relatar o cotidiano, inquietações, aflições...

> A mulher passou numa casa e pediu uma esmola. A dona da casa mandou esperar... Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou em casa, a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho porque a curiosidade é amiga das mulheres. Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos. Tem pessoas que zombam dos que pedem. (JESUS, 1960, p. 60).

Carolina Maria de Jesus, além de relatar a própria vida, reflete sua condição social, que envolta pelas condições econômicas que permeavam sua vida, a fazia refletir, escrever e ser crítica. Neste trecho acima, Carolina reflete acerca da crueldade para os que pedem, para aqueles que vivem à margem da vulnerabilidade social.

> [...] Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela, tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1960, p. 35).
> 18 de junho. Hoje amanheceu chovendo. A Vera ontem pôs dois vermes pela boca. Está com febre. Hoje não vai ter aulas, em homenagem ao Príncipe do Japão. (JESUS, 1960, p. 64)

Neste trecho Carolina reflete acerca da luta constante e diária pela sobrevivência. Envolvida por esse cotidiano que a fazia pensar, refletir e questionar, Carolina não se cala, perante as injustiças sociais. Através da escrita, sua voz é ouvida.

A vida de Carolina, relatada em seu diário, constitui a identidade cultural e se tornou história. As escritas da autora ficaram excluídas da literatura brasileira como afirma Leahy-Dios (2013):

> [...]é certo que a exclusão da autora da literatura brasileira é muito mais um aviso às navegantes da mesma classe, cor, gênero e estrato social, para que não cometam a violência infratora de tentar arrombar os portões desse clube

> exclusivo. A autora de tanto sucesso no livro de estreia depois padeceu enormemente a dor do silêncio e, o que é pior, do esquecimento. Morreu pobre e sozinha. (LEAHY-DIOS, 2013, p.33)

Barthes (1966) afirma que:

> Não há nem houve jamais em lugar algum um povo sem relatos [...] o relato zomba da boa e da má literatura: intencional, trans-histórico, transcultural, o relato está ali, como a vida (p. 9)

Relatamos porque vivemos; vivemos, vivenciamos, experenciamos, experimentamos, alimentamos, amamos, odiamos e junto com a vida escrevemos, como afirma a autor: "o relato está ali, como a vida.

Para Arfuch (2010, p. 111) "A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas *cantam*, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida". No espaço autobiográfico, num jogo dinâmico do "escrever de si" podemos dar potencialidade as experiências de vida, experiências narradas, experiências *cantadas.*

Assim Como Carolina Maria de Jesus, D. Cleide ao relatar a própria vida, pode narrar a própria história, a própria existência.

Eu nunca tive escola na vida, minha escola mais foi na roça. Eu tinha tanta vontade de ir pra escola, eu tava lá na roça passava aquelas mulecadinha, filho dos outros, e com a bolsinha de um lado. Eu ficava olhando, eita se fosse eu que estava indo pra escola!
Ficava assim olhando, dava aquela vontade de ir pra escola. Ah! Fazer o quê né? E meu pai nunca colocou nós na escola, nem eu, nem minhas irmãs. Nenhum de nós! (D. Cleide, 25/07/2016)

D. Cleide ao relatar a própria vida, relatou a condição social que vivia quando na infância, vítima de um sistema excludente e elitista na condição de mulher e negra.

Neste cotidiano, nestas vivências, no momento de cuidar da saúde, D. Cleide se revelou uma mulher-leitora.

E no processo de escritas se D. Cleide se revelou mulher-escritora e para Deleuze (1997):

> A escrita é inseparvável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. (DELEUZE, 1997, p.11)

Enquanto vivemos e escrevemos nossas escritas inacabadas estão sempre em processo, sempre num devir, sempre nos devires.

> Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. (DELEUZE, 1997, p.11)

Enquanto escrevemos estamos num constante devir, e esses devires (outros) compõem toda e beleza da vida de quem escreve e das escritas que são produzidas, porém inacabadas.

Na condição de relacionar-se com o outro por meio da palavra o homem não transmite o que sabe e sim poetiza e se comunica como artesão e nas palavras de Ranciere (2002):

> No ato de palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa. Ele se comunica como *artesão:*alguém que maneja as palavras como instrumentos. O homem se comunica com o homem por meio de obras de sua mão, tanto quanto por palavras de seu discurso. (RANCIERE, 2002, p. 74).

O autor ao defender a igualdade entre os saberes, relata que as barreiras hierárquicas só são quebradas quando há uma igualdade, que se faz por meio da palavra. Portanto, podemos entender que hierarquias são quebradas no PEJA!

O PEJA também abre as portas para a inclusão da mulher, assim como D. Cleide, outras mulheres passaram pelo PEJA e (re)escreveram suas histórias.

Para Simone de Beauvoir (2009) :

> O que é certo é que hoje é muito difícil às mulheres assumirem concomitantemente sua condição de indivíduo autônomo e seu destino feminino; aí está a fonte dessas inépcias, dessas incompreensões que as levam, por vezes, a se considerar comoum "sexo perdido" (BEAUVOIR, 2009, p.306)

D. Cleide, mulher, não pôde estudar na infância, pois o pai achava que "*menina-moça escreveria cartinha para namorado*" e assim vítima de um sistema excludente, uma educação elitista e uma sociedade machista, não pode frequentar seus estudos.

Como afirma Beauvoir (2009) nos dias atuais é muito difícil a mulher assumir diversos papeis. Mas por quê? A mulher se adaptou a ser vista e tratada como ser inferior aos homens e isso fez com atualmente muitas mulheres dificilmente assumam a autonomia e feminilidade.

Acredito que com as lutas históricas, as conquistas femininas foram grandiosas.

Mas o caminho ainda é árduo!

Que mais mulheres como D. Cleide possam voltar aos estudos!

Que mais mulheres como D. Cleide possam ser "mulheres escritoras"!

Que mais mulheres como D. Cleide, possam realizar suas leituras de mundo"

Que mais mulheres como D. Cleide, possam ler e escrever!

E o PEJA está de portas abertas a todas elas!

> Como quer que seja, uma volta ao passado não é mais possível nem desejável. O que se deve esperar é que, por seu lado, os homens assumam sem reserva a situação que se vem criando;somente então a mulher poderá viver sem tragédia.(BEAUVOIR, 2009, p. 307)

Que mais mulheres como D. Cleide, não podendo frequentar a escola no período regular, vítimas de uma sociedade elitista, preconceituosa e machista, possam realizar o sonho de voltar aos estudos!

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A proposição deste estudo foi dialogar acerca das práticas de leitura e escrita de pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS.

Considerando o contexto de D. Cleide, pode-se compreender que a mesma, relatou muitas dificuldades no quesito "cuidar da própria saúde" e que diversas vezes ela relata que "manda sua filha ler". Atenta e sempre cuidadosa, D. Cleide sempre resolveu os embates do cotidiano. Chamamos de "táticas" como afirma Certeau (1994).

Estas táticas por sua vez estão intrínsecas ali no cotidiano, no fazer.

Com o PEJA, pude compreender os significados deste cotidiano: o cotidiano do alfabetizando.

No início das minhas atividades no PEJA foi difícil entender o verdadeiro sentido da palavra alfabetização, motivo pelo qual trouxe para este trabalho a leitura de Paulo Freire, que muito me auxiliou na compreensão da dimensão do trabalho com jovens e adultos.

Deparei-me com realidades totalmente diferentes do que vi até aqui, as educandas e educandos, pessoas de realidades duras e que nunca tiveram acesso à informação e muitas vezes nunca foram à escola.

Meu olhar, então, foi se modificando, pude então perceber que poderia ajudá-las de alguma forma e o modo que encontrei foi abordar a alfabetização a partir da leitura de mundo e, assim aprender com cada uma, cada especificidade, cada realidade e assim mudando minhas percepções.

Cada dia, cada aula preparada, cada momento vivido em sala de aula, cada palavra de cada educanda que posso recordar, sempre tiveram grande valor para meu trabalho e minhas reflexões.

A metamorfose do meu olhar...

A universidade para mim agora tinha sentido. Com o PEJA, pude aprender, olhar, vivenciar, criticar e estudar.

Hoje, posso afirmar que compreendo melhor questões preponderantes que permeiam nosso cotidiano, ora educadores, ora educandos, sobretudo na relação que se estabelece entre fazer leitura de uma palavra, ou de muitas, e a leitura do mundo ao qual estamos inseridos.

Mas por que tanto interesse em participar de um Projeto de Educação de Jovens e Adultos? O que me leva a tentar compreender a realidade e especificidade de cada educando que levou a não ter o contato prévio com a leitura e a escrita?

Confesso que pensar estas questões foi um desafio para mim, porém, quando reflito acerca do nosso papel enquanto educadores na Educação de Jovens e Adultos, posso afirmar que toda e qualquer atividade e o ato de participar da alfabetização de adultos é em si um ato político, motivo pelo qual me engajei com força e determinação.

Como todo o começo, o meu foi difícil, enfrentei dias difíceis como educadora, nos quais, e neste processo me identifiquei como uma educadora em formação, as aulas foram ficando prazerosas a cada dia e já não sentia mais medo de ir ás aulas, ou de lançar alguma proposta.

No processo de adaptação, pude conhecer cada educando, cada história e cada perspectiva, uns com uma vontade extrema de aprender, outros com o intuito de aprender, porém, de ter amigos, outros porque precisavam fazer algo que lhes ocupassem tempo e ao mesmo pudessem ter algum retorno, no caso de ler e escrever.

Trabalho fascinante aos meus olhos e, talvez, aos olhos de você, leitor / leitora.

Instigante, posso dizer assim, pois cada frase anotada no nosso caderno de registros se torna futuramente algo para pensarmos o processo de formação, ora de educadores, ora de educandos.

No cotidiano PEJA e SUS, pude refletir os embates cotidianos das pessoas que não possuem a leitura e escrita e como apresentado neste trabalho as táticas que estas pessoas recorrem para superar estas tensões.

Concluo este trabalho me reportando ao trecho de Larrosa (1996) em que ele compara a experiência de olhar para si mesmo a uma viagem que pode levar seus viajantes a reconhecerem a necessidade de se modificarem:

> En la experiencia uno se encuentra a sí mismo. Y, a veces, uno se sorprende por lo que encuentra, no se reconoce. Y tiene que reconstruirse, que reinterpretarse, que rehacerse. Por eso, en los viajes en los que no todo está pre-visto, uno vuelve transformado. No sólo con una colección de fotos, o con las alforjas llenas, sino transformado. Y para transformarse, hace falta que nos pase algo y que lo que nos pasa nos pruebe, nos tumbe, nos niegue. (LARROSA, 1996, p. 469-470).

Podemos dizer que D. Cleide ao ir em busca dos estudos, nesta longa viagem da vida, reconheceu a necessidade de aprender a ler e escrever. E conseguiu!

Me reporto a uma música de minha infância que fala a respeito da estrada da vida e que estamos sempre em movimento:

Estrada da vida (Milionário e José Rico)

Nesta longa estrada da vida
Vou correndo e não posso parar
Na esperança de ser campeão
Alcançando o primeiro lugar.

Que possamos nesta longa estrada da vida, assim como D. Cleide nunca parar, sempre continuar, sempre escrever, sempre ler, sempre viver!

A questão da autobiografia como relatado neste trabalho, remete à questão dos relatos cotidianos de D. Cleide dando potência aos relatos da própria vida, a forma de narrar as vivências e as experiências de vida.

Podemos refletir o papel da mulher em nossa sociedade, que ao longo do tempo foi se modificando. Hoje a mulher pode trabalhar, pode ir à escola, pode escrever, pode ler, assim como relatado pela D. Cleide que não pôde frequentar a escola pois o pai acreditava que mulher não poderia aprender a ler e escrever.

Este trabalho traz as escritas no caderno de D. Cleide que ao escrever cotidianamente foi em busca de sua autonomia e que nunca desistiu de escrever, pelo contrário, as dificuldades por ela forma superadas e a mesma no relato da própria vida, numa forma cotidiana pode criticar, relacionar-se com o outro por meio da palavra, aprender e ensinar.

E que possamos olhar a Educação de Jovens e Adultos de uma forma igualitária e que mais pessoas, assim como D. Cleide, possam voltar aos estudos e que as práticas culturais nunca sejam ignoradas, mas que sim, eles sirvam de ponte para o diálogo emancipador. Assim como Paulo Freire relata (1989) que a leitura de mundo precede a leitura da palavra e que ambas andam juntas na mesma direção.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010

BACOCINA, Eliane A.; FERREIRA, Débora S. Saberes de educandos de EJA: Episódios que revelam modos de aprender. In: ZANATA, Eliana M.; MARQUES, Antonio F. (Org.). **EJA: Territórios de extensão, criação, inovação e formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BARTHES, Roland. **"Introduction à lánalyse strusturale des récita"** . Communications, 1966, n.8.

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**.Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141. 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>. Acesso em: 10 set 2016

BAKHTIN, M**. Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2002. 113 p

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada.** Tradução de Sergio Milliet; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos;Telmo Mourinho Baptista. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BOSSI, E. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 49 p.

CAMARGO, Maria Rosa R. M.; CHALUH, Laura N. E**sc**ritos de aula na formação inicial. **Revista de Educação PUC-Campinas**. Campinas, 2014, vol. 19, 2.Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducacao/article/view/2690 >

CAMARGO, Maria Rosa R.M; SANTOS, Vivian Carla C. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994,

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A; SILVA, Roberto; **Metodologia Científica**, 6 Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990

DELEUZE. Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo, 34 Ed. Fundação Biblioteca Nacional, 1997

DICIONÁRIO INFORMAL, Disponível em http://www.dicionarioinformal.com.br/paix%C3%A3o/ São Paulo, Aceso em 23 set 2016.

FOUCAULT, M. **A escrita de si. In: Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. V.5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006,

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

HEIDEGGER,Martin. **La esencia del habla. In: De camino al habla**. Barcelona: Edicionaes del Serbal, 1987

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

LARROSA, J. Narrativa, identidad y desidentificación. In: **La experiencia de la lectura:** Estudios sobre Literatura y Formación. Barcelona (Espanha): Laertes, 1996, p. 461-482.

_____.**Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan. fev. mar. abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016

_____**Nietzsche & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LEAHY-DIOS, Cyana M. **Vida e poesia no quarto de despejo: Diário de uma favelada**. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/550-1414-1-SM.pdf . Acesso em 16 set.2016

MINAYO, Maria C S. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. P. 1-31, Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf. Acesso em: 10 set.2016

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009

ZABALZA, Miguel. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004, 136 p.

APÊNDICE A- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

A questão de ler e escrever- no contexto do SUS- do ponto de vista da pessoa que é atendida

Questionário Entrevistas- Perguntas fechadas

1- **IDENTIFICAÇÃO**

Grau: _____

Nome: _____

Cidade: _____ Bairro: _____

Escola: _____

Contato: _____

Horário das aulas (dia e hora): _____

Sexo:

( ) Feminino ( ) Masculino

Qual é a data de seu nascimento?

Qual a sua idade? : _____

Qual o seu estado civil?

( ) Solteiro ( ) Casado

( ) Outros: _____

Tem filhos?

( ) Sim Quantos: _____

( ) Não

Nome, idade e nível de escolarização dos filhos:

_____

_____

_____

Cidade onde nasceu: _____ Estado do país: _____

TRAJETÓRIA da ESCOLARIZAÇÃO

Você já freqüentou alguma escola? ( ) Sim ( ) Não

Em que cidade? _____

Quais as séries que você freqüentou? Em que ano? Que idade tinha?

Série	Ano	Idade	Cidade
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

Fale dois ou três motivos que levaram você a parar de estudar naquela época.

_____

_____

_____

Em que série você interrompeu seus estudos? _____

Por que interrompeu seus estudos?

_____

_____

_____

Quantas vezes você voltou a estudar e interrompeu?_____

Descreva cada uma delas.

_____

_____

_____

Por que você voltou a estudar?

_____

_____

O que você espera que esta volta ao estudo traga para sua vida profissional?

_____

_____

E para sua vida pessoal?

_____

_____

O que mudou na sua vida por ter voltado a estudar?

na vida profissional

_____

_____

_____

na vida pessoal

_____

_____

Ao terminar este grau de ensino, você pretende continuar estudando?

( ) Sim

( ) Não

Por qual motivo? _____

Em sua opinião, ser homem ou mulher interfere nos estudos?

_____

_____

Fale dois ou três motivos que levaram você a voltar a estudar.

_____

_____

_____

O que você vem gostando mais de estudar?

_____

_____

No seu estudo atualmente, o que você estuda com maior interesse?

_____

_____

Qual parte do estudo vem apresentando maior dificuldade para você?

_____

_____

Quais matérias você gosta mais?

( ) Português ( ) História

( ) Matemática ( ) Ciências

( ) Geografia ( ) Arte

( ) Outros: _____

Quais matérias você menos gosta?

( ) Português ( ) História

( ) Geografia ( ) Matemática

( ) Ciências ( ) Arte

( ) Outros: _____

Ao terminar esta etapa de estudos, você pretende continuar:

( ) Só estudando

( ) Só trabalhando

( ) Estudando e trabalhando

( ) Não pretendo continuar estudando

Se sim, pretende dar prosseguimento aos seus estudos em outros níveis como ensino médio, curso superior ou técnico? Que tipo de curso superior ou técnico pretende fazer?

_____

_____

_____

O que mais motivou você voltar a estudar? Enumere pela importância.

( ) Influência dos pais

( ) Influência dos amigos

( ) Boa remuneração

( ) Status social

( ) Amplo campo de trabalho

( ) Preparação para o vestibular

( ) Incentivo de pessoas da família

( ) Outros: _____

Você recebeu algum tipo de informação sobre os diferentes tipos de ensino superior existentes?

( ) Não

( ) Sim. Através de que meio:

( ) da própria escola ( ) do trabalho

( ) da família ( ) iniciativa própria

( ) outros: _____

Você gosta de estar mais informado sobre a profissão que pretende seguir?

( ) Não, o que sei é suficiente.

( ) Sim.

Onde você busca informações sobre algum curso que tenha vontade de fazer?

_____

_____

Escreva em ordem de preferência, as três profissões que gostaria de exercer:

Primeira: _____

Segunda: _____

Terceira: _____

Descreva as atividades que os profissionais da carreira que escolheu fazem:

_____

_____

Questionário Roteiro para Entrevista- conversa

Perguntas abertas- Práticas de leitura no cuidado á saúde

1-O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever?

2- O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando tem de tomar remédios?

3- O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando tem de fazer um exame?

4- O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando tem de fazer um exame específico?

5- O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando necessita ler uma receita médica?

6- O que você tem a dizer sobre ler e/ou escrever quando necessita ler algum código/senhas quando adentra ao serviço de saúde?

7- Você compreende a linguagem utilizada pelos profissionais de saúde quando tem de realizar um exame/ ou tomar alguma medicação?

8- Você já perdeu algum exame importante por não ter entendido a palavra escrita? Ou seja, o agendamento?

9- Você já perdeu alguma consulta médica por não ter entendido a palavra escrita? Ou seja, o agendamento?

10- O que você tem a dizer sobre ler e escrever quando tem de ler algum papel que diz respeito ao cuidado á saúde?

11- O que você tem a dizer sobre ler e escrever em relação aos folders com dicas para o cuidado á saúde?

12- O que você tem a dizer sobre ler e escrever com os cartões de agendamento?

MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

ORIENTADORA

ELIANE APARECIDA BACOCINA

COORIENTADORA

DÉBORA SARA FERREIRA

GRADUANDA